

# pauta

AGOSTO 2015  
Nº 1

Revista do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de MG

**ERA TUCANA**

12 ANOS DE  
CENSURA EM  
MINAS GERAIS

POR ÂNGELA CARRATO

**ENTREVISTA**

PAULINHO  
SATURNINO:  
INTERNET É LUGAR  
DA ESQUERDA

## A AMEAÇA DA TERCEIRIZAÇÃO

### OS DESAFIOS DOS JORNALISTAS

EDSON MARTINS . FERNANDA ODILLA . JOÃO CARLOS FIRPE . JOSÉ MARIA RABÊLO . RAUL MARIANO . CRISTINA MORENO . CYNARA MENEZES  
MAURÍCIO LARA . GIL SOTERO . ANA PAOLA AMORIM . ANA CLÁUDIA VIEIRA . LUIZ RIBEIRO . HARLEY PINTO . JOÃO FERES JR . ELIARA SANTANA  
DANIELA SERRA . SIMPHRONIO VEIGA . JOÃO PAULO . JOSÉ DE CASTRO . CARLOS CÂNDIDO . NILSON AZEVEDO . KERISON LOPES

E MAIS: RICARDO KOTSCHO . AUDÁLIO DANTAS . MAURO SANTAYANA

FOTOS: LEO DRUMOND . CLÁUDIO CUNHA . ALISSON GONTIJO . ELDERTH THEZA



Fazcom1

## VEJA O QUE A ASSEMBLEIA FEZ NESSES ÚLTIMOS DIAS:



Comissão Extraordinária das Mulheres é instalada no parlamento mineiro para garantir maior participação feminina na política.



Deputados defendem a criação de delegacia especializada no combate a crimes raciais e de intolerância.



Assembleia cria comissão extraordinária para promover proteção, aprimorar legislação e debater temas como o uso de animais em ensino e pesquisa.

## CONFIRA OUTROS TRABALHOS DOS DEPUTADOS QUE TAMBÉM AFETAM A SUA VIDA:

### SEGURANÇA PÚBLICA

Deputados visitam Ceresp de Contagem e cobram medidas para acabar com a superlotação.

Parlamentares vão interceder ao governo pela instalação de Delegacia Regional em Viçosa e pelo aumento do número de policiais na região.

### SAÚDE

Assembleia procura soluções para as dívidas do Hospital das Clínicas Samuel Libânio, em Pouso Alegre.

Deputados propõem alternativas para reabertura de hospital em Lagoa Santa. Interrupção das atividades deixou trabalhadores e moradores desamparados.

Parlamentares sugerem a criação de Programa de Cirurgia Plástica Reconstructiva de Mama na rede pública.

### MEIO AMBIENTE

Parlamentares cobram de empresa responsável por obras no Aeroporto de Confins medidas que recuperem as lagoas do município.

Deputados reivindicam ao Executivo a criação de políticas públicas que apoiem indústrias de energias alternativas.

### EDUCAÇÃO

Deputados cobram regularização nos repasses do Estado para escolas de educação especial.

Assembleia apoia implantação de polo da UFMG no Sul de Minas.

### AGRICULTURA

Parlamentares sugerem marcha dos produtores mineiros a Brasília para reivindicar a renegociação das dívidas rurais e medidas de estímulo ao setor.

### DIREITOS HUMANOS

Deputados discutem formas de diminuir a violência contra os idosos.

### COMBATE ÀS DROGAS

Deputados organizam Ciclo de Debates e quarta edição da Marcha Contra o Crack e Outras Drogas.

### MINERAÇÃO

Deputados unem forças com municípios mineiros pela aprovação do Marco Regulatório da Mineração no Congresso Nacional. Medida trará mais impostos para as prefeituras.

### DEFESA DO CONSUMIDOR

Deputados apoiam projeto que obriga Detran a divulgar valor arrecadado com multas e destino do dinheiro.

Parlamentares exigem regras claras para cálculo de tarifas em estacionamentos de veículos.

### TRANSPORTE

Deputados questionam concessionária responsável e reivindicam que duplicação da BR 040, entre Juiz de Fora e Brasília, comece pelo trecho mineiro, que é o mais perigoso.

Parlamentares exigem providências e DER anuncia recapeamento das MGs 230, 187 e 462, na região de Patrocínio.

Assembleia propõe medidas para garantir mais segurança para quem trafega pela MG 030, entre BH e Nova Lima.

### CULTURA

Parlamentares apoiam distribuição de bolsas de estudos da Fapemig para manutenção do Ballet Jovem da Fundação Clóvis Salgado.

Para saber mais, acesse [www.almg.gov.br/acompanhe/noticias](http://www.almg.gov.br/acompanhe/noticias).

Saiba qual é o canal da TV Assembleia na sua cidade. Acesse [www.almg.gov.br/acompanhe/tv\\_assembleia/sintonia](http://www.almg.gov.br/acompanhe/tv_assembleia/sintonia).

Você também pode receber notícias sobre os assuntos de seu interesse. Para isso, basta clicar em "Receba as nossas notícias" e se cadastrar.



**ASSEMBLEIA DE MINAS**  
Poder e Voz do Cidadão

EDITORIAL

## Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais

Gestão 2014-2017

### Diretoria Executiva:

Kerison Lopes – Presidente; Alessandra Mello – Vice-presidente; Verônica Pimenta – diretora Secretária; Marcelo Fiuza – diretor Financeiro; Bruno Couto – diretor de Fiscalização  
**Diretoria Setorial:** Aloísio Morais Martins – diretor de Organização Administrativa; Marcelo Portela – diretor de Saúde; Andrea Castello Branco – diretora de Formação Profissional; Mariana Viel – diretora de Integração com Escolas de Comunicação; Artenius Daniel – diretor de Cultura; Gildemir Lima – diretor de Comunicação; Arlan França – diretor de Assessorias de Comunicação; Gê Alves – diretora de Relações Institucionais; Rômulo Moreira – diretor de Direito Autoral e Imagem; Neide Pessoa – diretora de Aposentados e Previdência; Rogério Hilário – diretor Jurídico; José Augusto Filho – diretor Regional Norte; Francisco Pereira – diretor Regional Sul; Erival Alves – diretor Regional Triângulo e Alto Paranaíba; Paulo Sérgio de Oliveira – diretor Regional Leste

**Conselho Fiscal:** Marcos André Ribeiro – Efetivo; Marcos Erlan – Efetivo; Eduardo Motta – Efetivo; José Milton Santos – Suplente; João Paulo Dias – Suplente; Luiz Carlos Bernardes – Suplente.

### Revista Pauta

**Edição:** Comissão Editorial do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de MG

**Colaboraram nesta edição:** Alberto Wu, Alisson Gontijo, Ana Cláudia Vieira, Ana Paola Amorim, Ângela Carrato, Carlos Cândido, Cláudio Cunha, Cristina Moreno de Castro, Cynara Menezes, Daniela Serra, Edson Martins, Elderth Theza, Eliara Santana, Fernanda Odilla, Gil Sotero, Harley Pinto, João Carlos Firpe Penna, João Feres Jr., João Paulo, José Maria Rabêlo, José de Souza Castro, Leo Drumond, Luiz Ribeiro, Mariela Guimarães, Maurício Lara, Mauro Santayana, Nilson Azevedo, Raul Mariano e Symphonio Veiga

**Fotografias:** Arfoc MG

**Projeto gráfico:** Jacqueline Arimura (Vilarejo Comunicação)

**Publicidade:** Christiane Cruz (31) 9972-7470  
**Tiragem:** 3.000 exemplares

**Endereço:** Avenida Álvares Cabral, 400, Centro, Belo Horizonte, Minas Gerais, CEP 30170-000

**Jornalistas de Minas**  
Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais



Foto: Eliomar Pinheiro

# NOVOS PARADIGMAS DO JORNALISMO

O lançamento da revista Pauta nos remete a uma das reflexões mais pertinentes no universo da comunicação contemporânea. Não restam dúvidas de que passamos por um momento complexo para o jornalismo, especialmente o impresso.

Ele é fruto, por um lado, do revolucionário avanço da internet em todo o planeta, com um até então inimaginável crescimento das mídias digitais. Isso tem obrigado as pessoas a reverem seus conceitos de comunicação e transmissão de informação.

Por outro lado, assistimos ao fenômeno da redução da circulação dos veículos impressos e do enxugamento das redações de jornais e revistas em geral.

E há, ainda, uma expressiva perda de credibilidade dos veículos em função de um tratamento manipulador dado à cobertura política e econômica, em que jornais se tornam manifestos políticos a favor de determinadas linhas de pensamento.

Vivemos, portanto, um momento de transição de paradigmas no universo da comunicação e da construção de um Novo Jornalismo. E uma entidade com a importância histórica do nosso Sindicato não pode ficar à margem dessa reflexão e nem se esquivar de uma necessária tomada de posição.

Nesse contexto de avanços irreversíveis e novos rumos para o jornalismo, a revista Pauta surge como uma forma de consolidação de uma nova vocação da mídia impressa.

Com a revista, queremos oferecer à sociedade uma alternativa mais reflexiva, mais interpretativa e, com certeza, marcada pela opinião expressa em cada artigo assinado, como já pode ser percebido desde a primeira edição da nossa nova publicação.

Ao concluirmos esta primeira edição da Pauta, já tivemos a certeza de que o Sindicato dos Jornalistas está contribuindo, de maneira concreta, para a construção desses novos paradigmas do jornalismo contemporâneo.

**Kerison Lopes**

Presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais

## 6 REPORTAGEM A ameaça da terceirização



## 15 GOLPE MIDIÁTICO



Jornalistas pelo Brasil

## 20 ENTREVISTA



Paulinho Saturnino

## 28 MANCHETÔMETRO



A opção política da mídia

## 34 ENSAIO FOTOGRÁFICO



Uso e simbologia da água

- 3 KERISON LOPES
- 12 ÂNGELA CARRATO
- 14 CYNARA MENEZES
- 18 DANIELA SERRA
- 19 JOÃO CARLOS FIRPE
- 27 CARLOS CÂNDIDO
- 31 JOSÉ DE CASTRO
- 32 EDSON MARTINS
- 38 MAURÍCIO LARA
- 39 LUIZ RIBEIRO

- 40 GIL SOTERO
- 42 RAUL MARIANO
- 44 CRISTINA MORENO
- 45 JOÃO PAULO
- 46 ANA PAOLA AMORIM
- 48 ANA CLÁUDIA VIEIRA
- 50 70 ANOS DO SINDICATO
- 52 FERNANDA ODILLA
- 54 MAURO SANTAYANA
- 55 NILSON AZEVEDO/QUADRINHOS

- 58 NOTÍCIAS DO SINDICATO
- 64 SYMPHRONIO VEIGA
- 66 JOSÉ MARIA RABÉLO

**CAPA** DETALHE DO QUADRO GOLCONDA, DE RENE MAGRITTE



# FÓRUNS REGIONAIS

## Por todo o Estado, com todos os mineiros.

Os Forúns Regionais são espaços que vão reunir a sociedade civil e representantes dos governos estadual e municipal para apontar e debater, em conjunto, as ações prioritárias para cada território do Estado de Minas Gerais.

### O objetivo é garantir a sua presença nas decisões do nosso futuro

A missão dos Forúns é garantir a presença da população na construção e no planejamento de políticas públicas. Minas Gerais é um Estado com diferentes realidades e desafios. E é justamente por essa grande diversidade que as políticas públicas devem ser dinâmicas, integradas e conectadas com as realidades locais.

### As regiões e os Territórios de Desenvolvimento

O Governo de Minas Gerais criou o conceito de

**Territórios de Desenvolvimento**, a partir do qual dividiu o Estado em 17 partes, separadas pelas suas diferentes características. Em cada um desses Territórios será realizado um Fórum Regional.

Os Forúns Regionais são um elo entre o poder público e a população. Através dele, o Governo de Minas Gerais pretende construir políticas públicas que respeitem as características de cada região. Esse é o caminho para que, juntos, todos façam uma Minas Gerais mais justa e integrada. O trabalho já começou.

Você também pode ajudar a construir o futuro da sua região através do Facebook, Twitter ou do nosso site.

[forunsregionais.mg.gov.br](http://forunsregionais.mg.gov.br)

[twitter.com/forunsMG](https://twitter.com/forunsMG)

[facebook.com/forunsregionaisMG](https://facebook.com/forunsregionaisMG)

# TERCEIRIZAÇÃO

## PROJETO RASGA A CLT

**PROJETO DE LEI 4330, APROVADO PELA CÂMARA, PRECARIZA AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS ASSALARIADOS, INCLUSIVE DOS JORNALISTAS**



POR

HARLEY PINTO

fotos

CLÁUDIO CUNHA

No dia 10 de junho, o juiz Elízio Luiz Perez, titular da 41ª Vara da Justiça do Trabalho em São Paulo, condenou a empresa Folha da Manhã, que publica o jornal Folha de S. Paulo, a assinar a carteira de trabalho de uma jornalista e indenizá-la em R\$ 50 mil por danos morais. Embora contratada como *free lancer*, a relação de trabalho entre a jornalista e o jornal continha todos os requisitos previstos na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) que caracterizam a relação de emprego. “A ofensa é potencializada, ainda mais, por tratar-se de inaceitável fraude trabalhista articulada pelo maior jornal impresso do país, notoriamente reconhecido por denúncias de corrupção nos mais variados segmentos da sociedade e que, por isso, deveria ser o primeiro a dar o exemplo de respeito à legislação pátria”, registrou o juiz, na sentença, reproduzida pelo *site* Consultor Jurídico.

A “fraude trabalhista” por empresas de comunicação é frequente, mas a Justiça costuma ser severa. Essa situação, no entanto, pode mudar, caso o PL 4330, que trata da terceirização, se torne lei. A terceirização, mostra a experiência dos jornalistas, é uma relação que só interessa ao empregador. Ela transforma assalariados em

pessoas jurídicas e relações trabalhistas em relações comerciais, entre empresas. Para o trabalhador, na pior das hipóteses, significa tornar-se empregador de si mesmo e perder todos os direitos trabalhistas a que tinha direito: jornada de trabalho regular, descanso semanal remunerado, férias, décimo terceiro salário, FGTS, previdência social, licenças etc. Na melhor das hipóteses, significa tornar-se empregado de uma empresa terceirizada e manter direitos trabalhistas, porém, em condições mais precárias do que as do trabalhador que realiza as mesmas funções como empregado direto de uma empresa ou do Estado.

“Na minha segunda passagem pela TV Bandeirantes, a Band, acabei tendo que concordar com a contratação via Pessoa Jurídica (PJ)”, relata Alexandre Campello, há nove anos repórter na TV Assembleia. Com passagens pela Record, Rede Minas, Alterosa e Estado de Minas, ele conta que ficou na Band durante 15 meses trabalhando como repórter de rede e recebendo como PJ. “Quando saí e consegui um novo emprego, fui em busca dos direitos trabalhistas”, informa Alexandre, que foi diretor do Sindicato por dois mandatos e diretor da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj).

“Essa ‘pejotização’ é ruim apenas para o trabalhador, que assume todos os impostos do processo”, diz Alexandre. “A empresa tem uma redução significativa do custo da mão de obra, já que deixa de recolher uma série de impostos. O funcionário, por outro lado, assume tais encargos, mas não recebe as prerrogativas de ser PJ, mantendo todas as obrigações e deveres de uma pessoa contratada via CLT”, explica.

À época, a Band tentou contestar, mas acabou concordando e fazendo o acordo em 2005, ressarcindo os direitos que Alexandre não teve no período. “Infelizmente, percebemos que as empresas, ainda hoje, entendem os direitos trabalhistas não como vantagens para si e seus empregados, mas como gastos que podem ser minimizados, através de uma gestão que, no nosso entender e nos pareceres da Justiça, é injusta, ilegal e contra os trabalhadores”, analisa o presidente do Sindicato, Kerison Lopes.

### EMPRESAS DE ASSESSORIA

Se nos veículos a terceirização ainda encontra barreiras, nas assessorias de comunicação ela está instalada há tempos. A fiscalização não consegue abarcar todas as empresas, e é comum encontrar irregularidades, mas os próprios jornalistas têm receio de defender seus direitos.

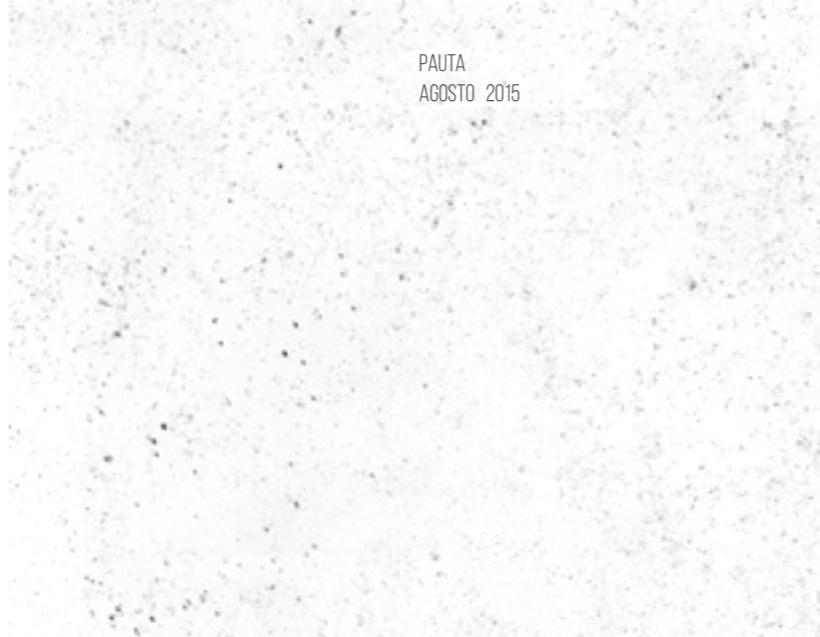
“Trabalhei por dez meses em uma grande agência de comunicação de Belo Horizonte. Eles prometeram me contratar na carteira, mas isso nunca ocorreu”, conta uma jornalista, que, por motivos profissionais, preferiu não se identificar. “Sei que a colegas foi oferecida a possibilidade de se tornarem sócios, mas só no papel. Eles permaneciam com as mesmas atribuições de um



empregado: horário fixo, subordinação e personalidade”, acrescenta.

Ela informa que o fato aconteceu há mais de cinco anos. “Entrei na Justiça e, desde então, eles estão recorrendo, recorrendo, recorrendo. Simplesmente não entendo como uma empresa que vende o produto de qualidade de imagem para o cliente faz exatamente o contrário da porta pra dentro”, observa.

O medo de sofrer retaliações e não conseguir oportunidades faz outra colega pedir o anonimato para seu depoimento. Com 12 anos de experiência profissional,



*Glória Metzker: insegurança profissional e total ausência de direitos*



# REDE MINAS, UM CASO EMBLEMÁTICO

ela compara sua contratação atual, com carteira assinada, e as anteriores. “Acho muito pior a contratação por Pessoa Jurídica, é apenas uma forma de as empresas se livrarem dos encargos que são suas obrigações legais”, avalia. “Nós, profissionais, ficamos reféns dessa situação. O empregador coloca a opção: ou PJ ou sem negócio. Ou seja, ou aceitamos e ficamos empregadas ou vamos bater em outra porta. Mas as portas que são corretas estão cada dia em menor quantidade. Com essa nova lei, a tendência é de piora desse cenário”, analisa.

Um dos casos mais insistentes de terceirização de jornalistas é o da Rede Minas de Televisão, canal público controlado pelo governo do estado. Há pelo menos 20 anos, período pelo qual passaram seis governos, a emissora coleciona irregularidades trabalhistas. Por ser uma empresa pública, a Rede Minas tem como única forma legal de contratação o concurso público. No entanto, além de não realizá-lo, a emissora terceirizou sua atividade-fim.

O repórter cinematográfico Wallace Jardim conta que entrou na Rede Minas em 1998, quando ela ainda era gerenciada pelo Sistema Salesiano de Videocomunicação (SSV). “Possuíamos



*Wallace Jardim: nem concursado nem contratado pela emissora*

todos os direitos trabalhistas, mas não éramos contratados pela emissora, nem tampouco concursados”, rememora Wallace.

Com a saída do SSV, em 1999, seus profissionais passaram a ser contratados por meio de contratos administrativos, com validade de seis meses, que eram continuamente renovados. “Foi, de longe, a pior época para quem trabalhou na emissora, do ponto de vista da insegurança profissional e pela total ausência de direitos”, afirma Glória Metzker, que ficou na emissora de 2000 a 2009. “Para se tirar dez dias de férias, por ano, era uma luta inglória. Comemos o pão que o diabo amassou”, acrescenta.

A imagem que a jornalista usa expressa ironicamente uma época em que a emissora não fornecia lanche e ainda cortou o café para seus funcionários. O fato provocou uma manifestação, organizada pelo Sindicato, que levou um caminhão para a frente da emissora e distribuiu lanche a todos os profissionais que estavam na empresa.

“Imagine a situação desses jornalistas! Se já não tinham quaisquer direitos, se viram na situação vexaminosa de ter que sair de suas estações de trabalho e descer até a entrada da emissora para um simples café. Todos tínhamos certeza de que vivíamos, ali, o fundo do poço”, analisa Aloísio Lopes, presidente do Sindicato à época.

Essa situação se prolongou até 2004, enquanto vigoraram os famigerados contratos administrativos de seis meses e a atuação de uma cooperativa contratada pela própria Rede Minas, à qual os jornalistas tiveram que se associar. Angélica Machado, hoje concursada na TV Assembleia, é outra que se lembra bem dessa época; ela trabalhou na emissora entre 2001 e 2009. “Era meu sonho, desde sempre, trabalhar na Rede Minas, um emissora educativa, com cunho social, sem compromisso com o lucro. Infelizmente, só bem depois que entrei é que percebi nossa real situação”, conta.

Em 2004, a Rede Minas mudou novamente sua forma de contratação, mas não realizou concurso público. O que se viu, segundo Aloísio Lopes, foi uma nova forma de burlar a lei. “Me lembro bem. Eu estava na minha sala, aqui no Sindicato, e recebi uma ligação de um diretor da emissora dizendo que haviam descoberto a forma de resolver a questão, que todos os funcionários voltariam a ter seus direitos. Eles iriam contratar uma Oscip (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) para gerenciar suas atividades. A princípio, eu fiquei muito feliz, mas quando perguntei se era uma solução temporária, vi que teríamos problemas novamente”, conta.

Entrava em cena a ADTV (Associação de Desenvolvimento da Radiodifusão de Minas Gerais). Realmente, a situação dos jornalistas melhorou, com os profissionais sendo contratados e regidos pela CLT. “Passamos a ter direito a férias. Imagine nossa alegria!”, lembra Angélica. “Depois, analisando a situação, o que poderia ser uma ótima ideia se tornou um novo problema, pelo tempo que durou.”

Em diversos momentos, o Sindicato foi intermediário de acordos para que a Rede Minas se enquadrasse na lei, mas os acordos nunca foram



Alexandre Campello: pejetização é ruim para o trabalhador, que assume os impostos

respeitados. “Relação de trabalho fraudulenta. Essa foi a expressão utilizada pelo Ministério Público do Trabalho para caracterizar a atuação da Rede Minas nestes vários casos de desrespeito”, enfatiza Aloísio Lopes.

A ADTV permaneceu na Rede Minas durante mais de 10 anos, inclusive depois da realização do concurso público exigido pelo Ministério Público do Trabalho. A emissora foi multada em R\$ 3,8 milhões por não cumprir um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), assinado em julho de 2004, pelo qual a emissora se comprometeu a acabar com a terceirização de empregados da atividade-fim. Realizado no final de 2014, o concurso não abriu vagas para todos os cargos, de forma que profissionais não-concursados continuaram trabalhando na emissora.

No dia 19 de maio deste ano, portaria assinada pelo novo presidente da emissora, Israel do Vale Neto, instaurou processo administrativo para rescisão do Termo de Parceria nº 5/2005 entre a Oscip e a Rede Minas. O repórter cinematográfico Wallace Jardim já foi avisado de que seu contrato, comissionado, não será renovado.

# Eduardo e Cláudia

Imagine o seguinte enredo. Uma jornalista, por meio de uma Pessoa Jurídica, presta serviços para uma emissora de televisão como terceirizada. Após ser diagnosticada com faringite, o que seria uma doença ocupacional, a empresa informa que está encerrando o contrato. A jornalista entra com uma ação trabalhista pedindo vínculo de emprego – uma vez que tinha de cumprir horário de trabalho e possuía relação de subordinação com a direção da emissora – e ressarcimento das despesas e indenização por danos morais, já que passou por uma cirurgia em razão da doença e nenhuma despesa foi paga pela emissora. A Justiça condena a contratante, obrigando a emissora a registrar a jornalista em carteira de trabalho por todo o período de contrato.

O caso seria um entre tantos outros envolvendo a terceirização de jornalistas, não fossem as personagens envolvidas e o papel que assumem na história. A emissora é a TV Globo, uma das maiores defensoras do PL 4330. A jornalista em questão é Cláudia Cordeiro Cruz, que, entre 1989 e 2001, foi repórter e apresentadora do Jornal Nacional, Jornal da Globo, Bom Dia Rio, Jornal Hoje, RJ TV e Fantástico, e é mulher do

presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha.

O caso foi noticiado em outubro de 2008 pelo portal do Tribunal Superior do Trabalho. Cláudia não tinha carteira assinada, era contratada como pessoa jurídica, a C3 Produções Artísticas e Jornalísticas. Se a lei que Eduardo conseguiu aprovar com tanto empenho estivesse em vigor na época, é certo que a Globo venceria a disputa judicial. É o que se pode antever para ações que forem julgadas a partir da nova lei.

## O FIM DA CLT?

Aprovado em abril pela Câmara dos Deputados, o Projeto de Lei 4330, que regulamenta a terceirização, é considerado por muitos “o fim da CLT” – a Consolidação das Leis do Trabalho, conjunto de leis instituído em 1942 e que tirou os trabalhadores brasileiros do regime de praticamente escravidão em que viviam. Desmantelar a CLT é uma velha luta do neoliberalismo, que se espalhou pelo planeta com a globalização e atingiu o Brasil no final da década de 1980. A terceirização é sua arma mais precisa, pois, sob a bandeira da modernização, de uma só tacada derruba salários, retira direitos trabalhistas e fragmenta a organização sindical.

As repercussões sociais do PL 4330 são tão profundas que, apresentado pelo hoje ex-deputado Sandro Mabel, em 2004, ele permaneceu engavetado durante 11 anos, até ser colocado em pauta aceleradamente pelo presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), e aprovado em duas votações, nos dias 8 e 22 de abril. O projeto terá de ser votado no Senado Federal e, se for aprovado, seguirá para sanção ou veto presidencial. O presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB), disse que a tramitação na casa não será tão rápida quanto foi na Câmara, e a presidenta Dilma sinalizou que poderá vetá-lo.

Contra o PL 4330 levantaram-se não só todas as centrais sindicais – CUT, CTB, CGTB, Comlutas, Intersindical, Nova Central, UGT e Força Sindical –, mas também cientistas sociais e magistrados do trabalho, em especial a Anamatra (Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho). “A regulamentação da terceirização nos moldes como vem sendo proposta no Congresso vai significar o aumento desenfreado dessa forma de contratação, a migração de empregados diretos para a terceirização e, conseqüentemente, uma drástica redução da massa salarial no período”, analisou a Anamatra em nota oficial intitulada “Diga não à terceirização e à precarização do trabalho”.

“O PL 4330 constitui uma reforma trabalhista ampla e irrestrita, legalizando a precarização”, define Frederico Melo, técnico-economista do Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) na subseção da CUT-Minas. “Ele altera, para pior, as condições de trabalho, de contratação e de remuneração, além de retirar garantias de que gozam os empregados nos casos de fechamento de empresa e de ameaça a seus direitos sindicais e legais. É uma ameaça às condições de vida e à própria vida dos trabalhadores brasileiros. Coloca em risco o futuro dos jovens que estão ingressando na vida adulta e no mercado de trabalho. Põe em perigo real a organização social e o futuro da nação”, afirmou.

O presidente da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil em Minas Gerais (CTB Minas), Marcelino da Rocha, reforça essa opinião. “Podemos resumir este projeto dizendo que seu objetivo é rasgar a carteira de trabalho do brasileiro. A lei não aumentará a oferta de empregos, muito pelo contrário. Ela alinhará, por baixo, os ganhos do trabalhador. Será maléfica, ainda, para a empresa, que verá rebaixada a qualidade final do seu produto”, analisa.

## REQUISITOS QUE CONFIGURAM RELAÇÃO DE EMPREGO

Veja abaixo quais são os pontos que o Ministério Público do Trabalho leva em conta para caracterizar que o empregado possui vínculo empregatício com a empresa.

- Horário
- Subordinação
- Pessoalidade
- Não eventualidade do trabalho

# 12 ANOS DE CENSURA EM MINAS

■ ÂNGELA CARRATO

MÍDIA MINEIRA

O capital simbólico da mídia é a sua credibilidade. Razão pela qual os especialistas afirmam que é mais fácil criar uma nova publicação, emissora de televisão ou rádio do que recuperar uma empresa que chegou ao fundo do poço. Perceber quando se está no fundo no poço nem sempre é fácil, mas, no caso da mídia mineira, os problemas são tão visíveis que não deixam margem a dúvidas.

Os Diários Associados, mais antigo e maior grupo de mídia no Estado, colocou a sede do jornal Estado de Minas à venda, desfez-se da Rádio Guarani e não para de demitir jornalistas e funcionários. Também está atrasado com o cumprimento de uma série de obrigações trabalhistas.

Em meados de 2014, o bispo/empresário Edir Macedo finalmente conseguiu passar o jornal Hoje Em Dia para frente. A publicação foi parar nas mãos do grupo local Bel que, ao que tudo indica, apostava na vitória do PSDB nos planos estadual e federal para alavancar o negócio. Agora está com uma batata quente nas mãos.

A editora Sempre, do ex-deputado (PSDB e PV) e empresário Vittorio Mediolì, responsável pelos jornais O Tempo, Pampulha e Super, do ponto de vista financeiro, vai bem. Quem não vai bem é o próprio empresário. Mediolì foi condenado a cinco anos e cinco meses de prisão por evasão de divisas, e a pena ainda pode aumentar, pois o Ministério Público Federal anunciou que vai recorrer. Não é novidade que o sonho de Mediolì é fazer jornal sem jornalista.

Apesar de concorrentes, esses empresários apoiaram os 12 anos de governo tucano em Minas e se beneficiaram da farta publicidade oficial. Estima-se que esta verba tenha ultrapassado os R\$ 2 bilhões no período. O maior entusiasta era e é Álvaro Teixeira da Costa, dos Diários Associados. Não satisfeito em subir no palanque do candidato Aécio Neves e em abrir comitê eleitoral nas instalações da TV Alterosa, ainda tentou induzir funcionários a participar de atos de

campanha do PSDB.

Em relação à mídia eletrônica, Belo Horizonte conta com mais de três dezenas de emissoras comerciais de rádio e uma de televisão, além das afiliadas das redes nacionais. Todas seguiram igual figurino. Se o apoio da mídia mineira tivesse se limitado aos editoriais, às colunas de comentários e opinião, tudo bem. O problema é que envolveu praticamente todas as notícias e reportagens publicadas e divulgadas nestes anos. Pior ainda: esta mídia aceitou a censura estabelecida pelos tucanos, na contramão da democracia vivida pelo Brasil.

## TELEFONEMAS E DEMISSÕES

Rapidamente, o governo Aécio Neves deixou visível que não conviveria bem com críticas. Em meados de 2003, por exemplo, pediu a substituição do jornalista que dirigia a TV Globo Minas e também a demissão de um repórter de economia do jornal Estado de Minas. Em ambos os casos, foi prontamente atendido. A partir daí, passaram a ser frequentes as ligações de assessores do governador e de sua irmã Andrea Neves para jornais, rádios e emissoras de televisão, solicitando que assuntos diversos não fossem divulgados.

Só pela mídia de São Paulo e do Rio de Janeiro os mineiros ficaram sabendo sobre o Mensalão Tucano. Nenhuma mídia daqui teve “interesse” em entrevistar o publicitário Marcos Valério, considerado o principal operador do esquema. Aliás, ainda hoje, quando a mídia mineira cita Marcos Valério, o faz apenas em função do Mensalão Petista, providencialmente esquecendo-se do mensalão mais antigo e pai dos demais.

Quaisquer assuntos que pudessem ser considerados “positivos” para o governo federal estavam igualmente banidos da mídia mineira. Assuntos de interesse direto dos cidadãos eram permanentemente sonegados. São inúmeros os exemplos, mas dois merecem destaque: o aumento vertiginoso da criminalidade em Minas Gerais, em especial na Região Metropolitana de Belo Horizonte, e a greve de 105

dias dos professores da rede estadual de ensino, em 2011. Ambos não podiam ser noticiados, porque evidenciariam a falácia de propagandas oficiais como “integração das polícias civil e militar”, “déficit zero” e “choque de gestão”, vendidos pela mídia como “sucessos absolutos” e “vitrines” de Minas para o Brasil.

Vários jornalistas enfrentaram a censura tucana e foram demitidos. Uns poucos pediram demissão. Uma das demissões mais recentes foi a do editor de Cultura do jornal Estado de Minas. A maioria dos jornalistas, preocupada com a manutenção do emprego e com as contas a pagar no final do mês, acabou adequando-se à situação. Instalou-se assim, além da censura, a autocensura nas redações mineiras.

## ALGUMAS LIÇÕES

Criado em 2007, o *site* de notícias NovoJornal passou a ser a única publicação a destoar do coro dos contentes. Seu proprietário, o publicitário Marco Aurélio Carone, pagou caro pelas denúncias que fez contra os tucanos. Depois de ser “visitado” três vezes pela polícia e de ter que alugar seu *site* em um provedor nos Estados Unidos, foi preso no início de 2014 e permaneceu nove meses na cadeia, sendo liberado após as eleições, por “falta de provas”.

O NovoJornal permanece empastelado, bem como continuam apreendidos o computador e demais equipamentos do

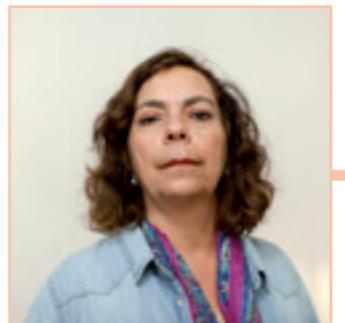
jornalista Geraldo Elísio, mesmo ele, na época, não estando mais trabalhando lá. Antes de ser empastelado, o NovoJornal vinha alcançando recordes diários de acesso, ultrapassando com frequência os 500 mil, num estado em que o total da tiragem diária dos jornais tradicionais não alcança 150 mil exemplares. Sem falar que boa parte desta tiragem encalha nas bancas e pontos de vendas.

Como não é possível enganar a todos o tempo todo, a credibilidade da mídia mineira chegou ao fundo do poço. Junto com a falta de credibilidade, reduziram-se os anunciantes. Se antes isso não era problema, pois havia a publicidade e os favores oficiais, o quadro mudou. Motivo pelo qual, antes da posse do novo governo, os empresários da mídia local já alardeavam uma “crise sem proporções” e partiam para cortes de despesas e demissões.

A situação da mídia tradicional em Minas é muito delicada. Alguns veículos, como O Tempo e Rádio Itatiaia, parecem dispostos a lutar para reaver a credibilidade. Os demais continuam brigando com os fatos. Basta lembrar a cobertura pífia que realizaram, no início de abril, quando da divulgação da auditoria da situação do Estado feita pela equipe do governador Fernando Pimentel (PT).

Desses 12 anos de censura tucana, é possível tirar algumas lições. A primeira é que a matéria-prima para a mídia é a informação, doa a quem doer. Sem ela, a mídia perde a sua razão de ser. Pode até continuar existindo, mas não serve aos interesses da cidadania. A segunda é que nenhum jornalista está com o emprego assegurado onde prevalecem a desinformação e a mentira. Que estas lições sirvam para a reflexão de velhos e novos profissionais e também para empresários do setor.

Até porque, com a internet e as redes sociais, falsear a realidade tornou-se quase impossível.



ÂNGELA CARRATO é jornalista. Mestre e doutora em Comunicação pela UnB. Professora do Departamento de Comunicação Social da UFMG

foto  
LEO DRUMOND

# POR QUE DEIXEI DE LER JORNAIS IMPRESSOS

CYNARA MENEZES

Eu me lembro da primeira vez que li um jornal. Tinha seis anos de idade e havia acabado de aprender a ler. Um tio querido adorava me ver lendo e colocou um jornal diante de mim, na página de negócios. Tinha o nome de uma empresa na notícia e, no final, estava escrito “Ltda.”. Sem saber o que queria dizer, repeti as letras da sigla, o que o fez morrer de rir. Lembro como se fosse hoje.

Para uma pessoa do interior do Brasil, o jornal era, antes de tudo, uma janela para o mundo. Não existia a internet, e as principais informações vinham dos jornais e revistas, da TV e dos professores na escola. Portanto, sempre enxerguei o jornal como uma fonte de conhecimento. E é esse o meu maior problema com eles hoje: acredito que deixaram de cumprir esta responsabilidade social e se tornaram disseminadores da desinformação e da ignorância.

O que era um colunista de jornal ou de revista na minha infância e adolescência? Alguém que, em primeiro lugar, sabia de muitas coisas, escrevia de maneira prazerosa e dava lições de vida. Hoje, o colunista é, na maioria das vezes, um energúmeno disposto a causar frisson escrevendo barbaridades. Quem, em sua consciência, seria capaz de guardar um escrito destes para reler de vez em quando, como fazíamos antes?

Isso não é ser plural. Ser plural é ter um amplo leque de opiniões de gente que vale a pena ler. E não de gente que pretende convencer o leitor a ser intolerante, preconceituoso ou a acreditar em coisas estúpidas como a ideia de que o Brasil vive uma “ditadura comunista”. Não há nada de plural em colocar uma pessoa que não tem o menor estofo cultural

para estar ali só porque é “polêmica”. De falsas polêmicas morreu um burro. E eu não me sinto disposta a gastar meu suado dinheirinho para ajudar a sustentar essa gente.

O Brasil é um país tão grande, tão difícil de ilustrar... Não somos nenhum Uruguai, nenhuma Suíça. Temos rincões, lugares distantes dos grandes centros. Ilustrar este mundão todo de gente é uma linda tarefa, mas os meios de comunicação no Brasil, obcecados em arrancar o PT do poder, abdicaram dela. Isso me decepciona e também me tira a vontade de comprar um jornal na banca para ler, embora ainda me agrade a leitura em papel.

Os jornais agora só representam a direita. Volto a dizer: isso não é ser plural. Não me sinto representada pelo que vejo nos jornais e, pior, não bastasse a falta de identificação ideológica, ainda há a falta de identificação temática. Olho para todas aquelas editorias do tempo da onça: “política”, “economia”, “mulher”. Há algo mais patético do que as seções “femininas” dos jornais, com temas como “filhos”, “boa forma” ou “cabelos”? Como se os homens atuais também não se interessassem por filhos, por boa forma ou por cuidar dos cabelos... Os jornais me parecem antiquados, engessados, mortos. Mortos-vivos.

Hoje sinto mais prazer navegando por sites estrangeiros ou alternativos. Posso escolher o que leio, e em vários países do mundo há jornais de esquerda excelentes. No Brasil, não. Houve apenas tentativas, que fracassaram. Acho uma pena, porque existe um público órfão de jornais, como eu. Mas é muito tarde para fazer alguma coisa. O tempo do papel já era. Quem sabe em versão digital?

Ricardo Kotscho (à esquerda):  
toda história tem um lado ruim e um lado bom

fotos MARIELA GUIMARÃES

## MOVIMENTO ‘JORNALISTAS PELO BRASIL’ DEFENDE A DEMOCRACIA CONTRA IMPEACHMENT



A necessidade de compreender o momento político que o país atravessa e a urgência de os jornalistas se posicionarem intransigentemente em defesa da democracia motivaram a criação do movimento “Jornalistas pelo Brasil”, lançado na Casa do Jornalista, em abril. O movimento, encabeçado pelos jornalistas José Maria Rabêlo, Mauro Werkema e João Paulo Cunha, entre outros, divulgou um manifesto – cuja íntegra pode ser lida no site do Sindicato – e promoveu um debate com a presença dos jornalistas Audálio Dantas e Ricardo Kotscho.

O presidente do Sindicato, Kerison Lopes, lembrou a importância que os jornalistas mineiros tiveram na eleição presidencial de 2014 ao mostrar ao país o ambiente de cerceamento à liberdade de imprensa existente durante os doze anos de governos do PSDB (2003-2014). “Hoje, compreendendo a necessidade de debater a importância do jornalismo, da liberdade de expressão e da democracia, ameaçados pelas recentes manifestações, decidimos fazer uma comemoração reflexiva no Dia do Jornalista”, explicou, numa referência ao dia 7 de abril, data nacional da profissão.

O debate refletiu sobre a perplexidade de muitos com as recentes manifestações que chegam à extravagância de propor o impeachment da presidenta da República, recentemente reeleita, e à irresponsabilidade de pedir a volta dos militares ao poder. “O Brasil corre risco de um golpe de estado?” “Que setores são estes que estão protestando?” “Que interesses defendem?” “As manifestações são legítimas?” “Qual é a participação da imprensa nos protestos?” “Qual deve ser o papel da imprensa na democracia?” Essas foram algumas das perguntas a que os convidados e demais presentes tentaram responder.

Os palestrantes concordaram, de forma unânime, que o Brasil não corre risco de uma intervenção militar, como aconteceu tantas vezes na história do país, a última delas em 1964, gerando uma ditadura que durou 21 anos e deixou uma herança de malefícios que até hoje são sentidos pelos brasileiros. “O mundo, hoje, é muito diferente do que era em 1964, época em que ocorreram golpes militares em toda a América Latina”, observou José Maria Rabêlo. “O silêncio dos militares é a melhor notícia”, disse Ricardo Kotscho.

CYNARA MENEZES é baiana e jornalista, formada pela UFBA em 1987. Trabalhou em diversos veículos de Salvador e de outras capitais. Depois de oito anos na revista CartaCapital, decidiu em 2015 dedicar-se exclusivamente ao seu blog “Socialista Morena”

# GOLPE MIDIÁTICO

Kotscho contou que, nos dois anos em que trabalhou como secretário de imprensa do presidente Lula, teve ótimas impressões dos militares e do Itamaraty. “Toda história tem um lado ruim e um lado bom. O papel dos militares, hoje, é o lado bom. A institucionalização das Forças Armadas é uma enorme evolução da nossa sociedade”, analisou. “Não corremos risco de golpe militar, o que acontece hoje é um golpe midiático e jurídico”, ressaltou.

Para Audálio Dantas, ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo durante a ditadura e ex-presidente da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) – o primeiro eleito pelo voto direto da categoria –, os setores sociais que hoje pedem o impeachment e o golpe militar são os mesmos que levaram o então presidente Getúlio Vargas ao suicídio, em 1954, que tentaram impedir a posse do presidente eleito Juscelino Kubitschek, em 1955, e que finalmente derrubaram o presidente João Goulart, em 1964. Ele afirmou que os grandes jornais sempre estiveram ao lado dos golpistas.

“Os jornalistas que começavam na profissão naquela época acompanharam a traição da grande imprensa”, disse o veterano jornalista. “Exatamente na imprensa, que deveria defender a democracia, estavam os elementos golpistas. Todos os grandes jornais estavam alinhados contra o governo que promovia o desenvolvimento nacional”, recordou. “Neste momento, estamos vivendo coisa parecida”, acrescentou.

*José Maria Rabêlo (ao centro):  
o mundo hoje é muito diferente do que era em 1964*



## MOMENTO DIFÍCIL

José Maria Rabêlo, que nas décadas de 1950 e 1960 editou o semanário Binômio, um sucesso na imprensa mineira até ser fechado pelo golpe de 1964, enfatizou que a campanha contra os governos do PT não é novidade no Brasil. “Será que a imprensa de hoje é pior do que a de ontem?”, perguntou, citando casos históricos em que a grande imprensa forjou notícias para interferir na política nacional. “Há uma crise, mas qual país não está em crise? Onde está o caos? As instituições estão funcionando. É tão evidente que são mentiras, mas não conseguimos desfazer

essas mentiras. Vivemos um momento muito difícil, mas é nessas horas que exercitamos nossas maiores qualidades”, refletiu.

Segundo Rabêlo, quem protesta contra o governo Dilma é uma minoria. “Esses que estão nas ruas sempre foram contra o PT”, corroborou Kotscho. “A crise política no Brasil, hoje, é incentivada pelos meios de comunicação, que estão em mãos de grupos econômicos e financeiros que não têm compromisso com a informação e com a verdade”, denunciou Dantas. “A imprensa não mostra o que o governo faz, o que aparece é a voracidade da grande imprensa contra o governo”, disse Rabêlo.

## ESCONDENDO O CRACHÁ

Repórter há vinte anos, função na qual faz questão de se manter por ter orgulho do seu trabalho, a vice-presidente do Sindicato, Alessandra Mello, expressou as angústias vividas pelos jornalistas nos dias atuais. Ela contou que, em 2013, pela primeira vez, teve de esconder o seu crachá, ao cobrir manifestações de rua, e que essa situação, de lá pra cá, só piorou. “Alguma coisa muito grave está acontecendo. Nós, que somos responsáveis por dar voz a quem não tem voz, temos de esconder nossos crachás para não sermos alvos de violência”, disse.

Alessandra contou que sempre adotou como lema profissional a frase de Millôr Fernandes “Jornalismo é oposição, o resto é balcão de secos e molhados”, mas reconheceu que está cada vez mais difícil exercer o jornalismo. “A gente tem que se perguntar por que não damos mais a voz à população? Por que somos identificados com o lado contrário?”, disse. “O jornalismo ficou seletivo, parcial. Um lado tem muito espaço, o outro não; tem um jeito de tratar um lado, outro jeito de tratar o outro lado, a gente sai, e no dia seguinte alteraram o nosso texto”, relatou, lembrando que o jornalismo tem limites éticos.

Ela resumiu grande parte das manifestações dos presentes ao dizer que considera a democratização da comunicação a única forma de se superarem os impasses atuais do jornalismo no Brasil. “Nós, jornalistas, temos que pensar sobre isso. Eu não quero continuar escondendo o crachá”, disse. “Queremos um jornalismo plural. O jornalismo não tem que ser imparcial, porque isso não existe, mas precisa ser justo e honesto”.



*Audálio Dantas (com o microfone):  
setores que hoje pedem impeachment tentaram impedir posse de JK*

# REVISTA DIGITAL TRAÇA PERFIL DE BLOGUEIROS

■ DANIELA SERRA

Os jornais estão agonizando”. “Qualquer pessoa pode produzir notícia”. “As redes sociais dominam o mundo da informação”. “O jornalismo está com os dias contados”... Essas frases circulam diariamente por aí, estão na boca do povo, quase como um mantra, uma extrema unção para veículos e profissionais da mídia.

Enquanto isso, no 3º andar do prédio 13 da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas, uma sala chama a atenção. Nela, 45 alunos e dois professores discutem a criação de um novo veículo. São todos voluntários. Não há notas ou frequência trocadas por linhas escritas, entrevistas ou provas. Naquele momento, há só uma vontade enorme de fazer jornalismo. A ideia nasceu com a criação do CCD – Centro de Comunicação Digital -, que tem como objetivo criar o ambiente para o desenvolvimento de projetos de comunicação digital, não apenas em jornalismo, mas, sim, uma proposta que une várias áreas: publicidade, cinema e práticas organizacionais em ambientes digitais. E muito jornalismo, claro.

Essa primeira iniciativa – uma revista ainda sem nome – propõe experimentar linguagem jornalística e prática de redação em seus diferentes suportes. Sem periodicidade definida, a ideia é trabalhar com pautas e projetos definidos pela relevância conjuntural. Todos sugerem, todos produzem; um sistema open source, pra usar um termo acadêmico emprestado lá da turma de TI.

Não cabe nesse novo cenário de mídia em tempo real pensar em periodicidade da publicação, mas, para o lançamento, a ideia é fazer um mapeamento do trabalho de jornalistas que atuam no ambiente virtual. Muitos deixaram as redações convencionais para atuar como blogueiros. Antes rotulados como ‘profissionais de segunda linha’, ninguém tem dúvidas da importância do trabalho

de alguns deles na democratização da informação. Se a Internet deu a todos, irrestritamente, as ferramentas, esses profissionais souberam aproveitar o momento e trazer toda sua experiência de investigação e colocá-la a serviço da sociedade.

As últimas eleições presidenciais estão aí fresquinhas pra não deixar ninguém esquecer o papel que a Internet e as redes sociais desempenharam na ampliação do debate político. O trabalho deles é testado diariamente, confrontado em comentários, repercutido e viralizado. Para o bem e para o mal.

Da primeira reunião ao lançamento da revista, acontecem reuniões semanais para discutir pautas, dividir tarefas, apresentar relatórios de reportagem, pensar no melhor formato para a história. Trocas fundamentais pra quem está começando e pra quem já está há mais de 30 anos no mercado.

O veterano Ricardo Kotscho (Balaio do Kotscho), um dos entrevistados para a primeira edição da revista - ao lado de Luiz Carlos Azenha (Viomundo), Miguel do Rosário (O Cafezinho), Ricardo Noblat (Blog do Noblat) Cynara Menezes (Socialista Morena), entre vários outros, lembra que estamos vivendo o fim de um ciclo, e esta crise por que passa o jornalismo é parte dela. “Não sabemos o que virá depois”, diz.

É preciso reinventar novas formas de contar as boas histórias. E, se depender do interesse dos alunos de jornalismo envolvidos neste projeto, o Jornalismo não vai morrer. Nunca.

A manchete do jornal era “Governo eleva taxa de juros básica para combater inflação”. Mas poderiam ser centenas de outras, como as que saem todos os dias na grande imprensa. Com o exemplar na mão, perguntei a dona Maria, que eu entrevistava na rua, se ela entendia o que dizia o texto. Ela disse que não e completou, se justificando: “É porque eu não estudei...”. Isso aconteceu lá pelos idos da década de 1990. Mas poderia ter ocorrido hoje.

Daqui a um ano, completo exatas três décadas de trabalho como jornalista e professor de jornalismo econômico. Ainda hoje, não me conformo com as palavras da dona Maria. Desde que me formei em jornalismo e economia, venho encarando o duro desafio de traduzir a terminologia econômica para o cidadão comum. Mas a questão é muito mais complexa – e grave – do que a simples tentativa de ser didático.

A culpa não é da dona Maria ou da falta de estudo dela. A origem dessa distância entre a manchete e a compreensão reside numa mídia que não é apenas elitista e excludente – mas, sobretudo, que quer se manter elitista e excludente. Uma mídia consciente de que informação (especialmente a econômica) é poder e que a capacidade de interpretação é uma das ferramentas para se perpetuar no poder.

Já nos ensinou o mestre Paulo Freire: na medida em que o cidadão toma consciência de sua realidade e do mundo que o cerca, ele cria as condições necessárias para se tornar agente transformador de sua própria história – e da sociedade em que vive. A mídia, portanto, não pode e não quer enfrentar os desafios

# TAXA DE JUROS, INFLAÇÃO E A DONA MARIA

■ JOÃO CARLOS FIRPE PENNA

da democratização da informação por razões que se tornam óbvias. Na medida em que milhões de brasileiros se empoderaram pelo conhecimento, os riscos de maior luta pelo poder crescem na mesma proporção. Quem me disse isso pessoalmente, ao fim de uma longa entrevista entre o aeroporto de Confins e o centro de BH, foi outro mestre – o economista Paul Singer.

No dia da entrevista com a dona Maria, fui terminar a conversa na casa dela, no Morro do Papagaio, em Belo Horizonte. Era ela quem cuidava da vida econômica da família. Entre perguntas e respostas, fui descobrindo que estava tudo ali: noção de inflação, percepção da importância do ganho real nos salários, orçamento de curto e médio prazos, superávit primário para juros do empréstimo do banco, necessidade de poupança para os gastos para o fim de ano, antecipação de despesas, riscos de eventuais inadimplências etc. etc.

Mas a mídia ainda insiste em manter ministros e empresários – todos muito bem “estudados” – como as únicas fontes econômicas nobres de seus veículos.



JOÃO CARLOS é jornalista e professor de jornalismo econômico da PUC Minas

foto  
LEO DRUMOND



DANIELA SERRA é jornalista, professora de Jornalismo Digital, Coordenadora do CCD (Centro de Comunicação Digital) e do MID - Laboratório de Mídias Digitais da FCA na PUC Minas

foto  
DANIEL MAGALHÃES



# INTERNET É LUGAR DA ESQUERDA

por

JOÃO CARLOS FIRPE PENNA  
E CARLOS CÂNDIDO

fotos

LEO DRUMOND

Da sua “central de comunicação”, instalada no escritório da sua casa, em Belo Horizonte, onde permanece “nunca menos de doze horas por dia”, o sociólogo e professor universitário aposentado Paulinho Saturnino acompanha o noticiário e se comunica com o mundo. Televisão, computadores, celular e internet – além de diversos jornais e revistas e muitos livros – formam o arsenal desse “guerrilheiro do Face”, ao qual quase nada escapa. Paulinho, Paulinho Muleta, Paulinho da Fafich. Paulinho Saturnino. Aos 66 anos, Paulo Roberto Saturnino Figueiredo não é um sujeito qualquer. Nunca foi, nem no bairro do Carmo, onde cresceu, nem no Colégio Marista, onde estudou até ser expulso, nem no Colégio Estadual, onde descobriu o mundo e a política, nem na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, onde lecionou durante décadas para uma legião de discípulos, inúmeros deles jornalistas. Muito menos no Facebook, no qual, em meados de abril, tinha 4.979 amigos virtuais. Sociólogo pós-graduado em Comunicação Social, ex-professor do curso de Jornalismo da UFMG, Paulinho envolveu-se com a internet desde a primeira hora. Seu conhecimento profundo da sociedade, aliado às suas sedutoras qualidades humanas, lhe possibilitou tornar-se um fenômeno da nova comunicação aberta, democrática e inteligente. “O meu guru é o Barão de Itararé”, confessa, reverenciando o humor do jornalista Apparício Torely (1895-1971). Ele não tem dúvida ao afirmar que a eleição de 2014 “foi ganha aqui”, na internet. E destaca a identificação do novo meio com a esquerda: “A internet é o novo, e o novo é de esquerda”, enfatizou, nesta entrevista para a revista Pauta.

## Pauta – O interneteiro vai substituir o jornalista?

Paulinho Saturnino – Eu acho que a gente tem que perder a ilusão de que a internet vai substituir a mídia e que o interneteiro vai substituir o jornalista. O mundo da comunicação formal, como ele é estruturado, ainda é o futuro da comunicação. Não quer dizer que vai ser em papel. Um dia, foi o arauto que falava na rua. As pessoas ficam na nostalgia porque perdem a segurança, estavam acostumadas com a redação: “aquilo ali era tão bom”... Primeiro, temos que saber o que é importante, o que é central e pra onde se dirige. Segundo, temos que perder a ilusão de que a internet vai substituir a mídia e que interneteiros substituirão os jornalistas. O ofício do jornalista é tão duradouro quanto o de médico, tão especializado quanto. Por isso eu sou a favor do diploma, sou a favor da carteira de trabalho, do mundo formal como ofício, porque isso não é só falar, não é o ofício do falar.

## P – Como foi que você entrou na militância digital?

PS – Eu tive um problema de saúde forte e fui proibido terminantemente de voltar ao trabalho, porque eu não podia me estressar. Tem uns dez anos, um pouquinho mais. Então, vim pra casa, meio abalado, e aquilo pra mim parecia um pouco desesperador: “Como é que eu vou ocupar isso com a falta do meu ofício, do meu interlocutor, que é o aluno?” Porque o aluno, pra mim, é uma atualização de mim mesmo, cada ignorância, cada perplexidade era minha. Isso pra mim era e é básico, pra me atualizar, pra me manter vivo e interessado. Eu falava: “Onde é que eu vou encontrar isso?”

## P – A internet substituiu o aluno.

PS – Com certeza. Hoje eu tenho centenas de ex-alunos na internet. É um “trem”, pra mim, profundamente emocionante.

## P – Mas você já tinha familiaridade com a internet?

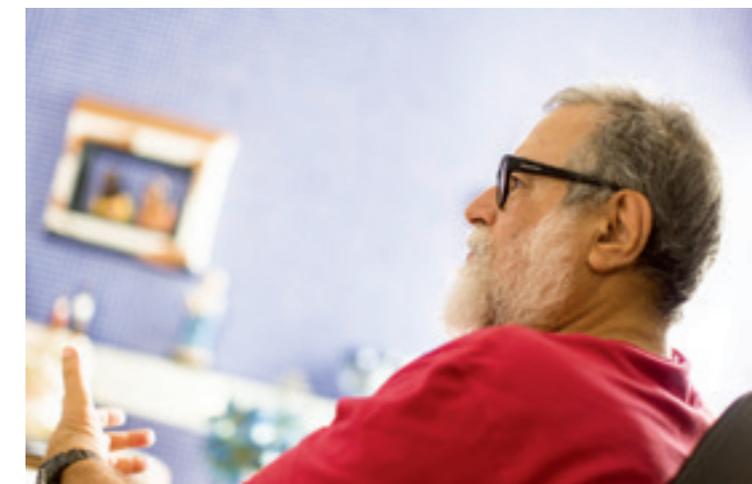
PS – Eu acompanhei a internet desde o começo. Eu trabalhei em casa, testando sites, links etc. para o primeiro provedor que atenderia os computadores da Apple, em Beagá. Para os PCs já existiam alguns pequenos provedores disputando o mercado local. Os grandões ainda estavam longe de tomar posse. Eles liberaram pra mim um acesso discado e mil dicas. E eu enviava pequenos relatórios. Pelo congestionamento das linhas telefônicas, isso só era possível nas madrugadas, quando se conseguia alguma velocidade. Fiz isso de graça, por puro tesão

# “NÃO TENHO A MENOR ILUSÃO DE QUE A MÍDIA FORMAL VAI ACABAR”

pela mágica que eu via brotar gota a gota. Vivi, vivo e morrerei sonhando com o futuro, apaixonado com o amanhã. E fui aprendendo dentro da internet. Tem coisas curiosíssimas: uma pessoa com quem eu trocava informações, que me dava dicas, um dia eu perguntei: “Quantos anos você tem?” Ele falou: “Eu tenho quinze”. Esse cara se chama Pedro Dória, hoje é editor de O Globo, eu acho que é o mesmo Pedro Dória, tenho quase certeza, porque mexe com a mesma coisa.

## P – Antes de mergulhar no Facebook, você teve um blog.

PS – Eu tenho uma militância paralela, que sempre foi muito importante, a militância no movimento do deficiente, isso inclusive forçava um pouco a minha visão política. Então, comecei com um blog que chamava “Rio de nervoso”. Teve uma ruptura, depois botei “Rio de nervoso ainda”. Está desativado, mas, de vez em quando, eu coloco alguma coisa lá. Com isso eu entrei muito forte na militância do deficiente, comecei a fazer relatos, falar da minha experiência. Muitas matérias que eu escrevi, que eu chamava de matéria, hoje estão na USP, num negócio chamado Saci [Rede Saci, um projeto de inclusão social da Universidade de São Paulo]. Eu comecei a mandar pra lá, eles publicavam, montamos uma rede, descobri amigos, coisas extraordinárias.



**P – E como foi que você mudou para as redes sociais?**

PS – As redes colocaram a coisa mais dinâmica. Porque o blog é um pouco parado, principalmente naquela época. Era um blog pequeno, com muitas visualizações, muita gente da área de saúde. A grande discussão minha com o negócio da internet foi num episódio em que eu fui pro CTI do [Hospital] Madre Teresa. Foi meu mergulho no Face, dali a coisa se ampliou. Era aquele trem tedioso, eu estava em observação, eu falei pra minha mulher pra levar meu tablet, aí o médico chegou, me deu um esporro, que não podia usar, que interferia, eu fiquei um tempo com ele ainda, escrevendo de noite, fazendo uma crônica do CTI. Eu brincava, porque meu negócio é humor, então, eu colocava: “Isso aqui é o único lugar que colchão esfria menos do que motel em noite de sexta-feira”. Porque, aquilo ali, morreu um já bota outro, é uma fila. Eu lembro que comecei assim. Aí chegou outro médico e falou assim: “Conversa fiada, não interfere nada”. E aí liberou geral, mas com isso virou um auê, quando eu saí, tinha triplicado o número de seguidores, todos interessadíssimos nessa crônica do cotidiano. Eu tento fazer assim uma crítica da mídia, fazendo uns lides pequeninhos de gancho pra matéria que eu acho legal, tento fazer uma seleção pra quem me acompanha.

**P – Faz esse paralelo: como é o jornalismo da sala de aula com o jornalismo da internet, do ponto de vista da transmissão do conhecimento?**

PS – O que me fascinava mais na sala é que era mais concentrado. Eu olhava pra alguém que eu via como um difusor, o aluno pra mim é sempre um difusor, e eu tenho uma responsabilidade muito grande, de olhar para o cara e falar assim: “Eu posso interferir no que esse cara vai falar pra uma porrada de gente, como ele vai olhar o mundo”. Então, essa presença, pra mim, era muito importante e custou muito a ser preenchida. A ideia do outro difuso da internet era um pouco complicada, e ainda é, cada vez mais, é muito abstrato.

**P – Ao mesmo tempo, muito concreto, você tem seguidores, repercute imediatamente.**

PS – Muito. E nesse último período, virou a brincadeira da guerrilha. Realmente, na hora que eu vi, falei: Essa campanha vai ser decidida aqui dentro, e vamos pro cacete”. E saí deliberadamente aliando com as pessoas, trocando mensagens, e aquilo foi se multiplicando. Sentei fogo, eram vinte horas por dia repassando informação, confirmando. E aqui, nesta minicentral, eu vi que esse potencial existe. Pra mim, é muito importante, porque eu não tenho a menor ilusão de que a mídia formal vai acabar, e torço para que não acabe. Acho que jornalista é jornalista, esse ofício é necessário, vai ter que ter esse olhar sobre o mundo, especializado. Agora, a adequação é muito complexa. Eu acho que a minha atividade ali não vai substituir a atividade dessa dedicação, do pegar, apurar.

## “UM SINDICATO DE JORNALISTAS, HOJE, É UM LOCAL CENTRAL DE REFLEXÃO”

**P – É uma atividade diferente da atividade do jornalista?**

PS – O papel que eu e muitas outras pessoas, de diversas origens e sob vários enfoques, ocupamos hoje nas redes sociais é o que era chamado de formadores de opinião. Aqueles que, de alguma forma, são reconhecidos como links confiáveis, por alguns, entre a estrutura mais formal de comunica-

ção e informação e os cidadãos, em sua busca diária por compreenderem e se posicionarem diante da imensa e caótica massa informativa que lhes chega, moderna e cotidianamente.

**P – E qual é a novidade?**

PS – A grande novidade das redes sociais é ter aumentado a diversidade e a quantidade de interlocutores que filtram a massa informativa, que opinam sobre elas e que se manifestam com alguma regularidade e constância, criando assim pequenos e altamente volúveis grupos que partilham, mesmo que parcialmente, determinadas visões de mundo. Essas pessoas, como eu, nem são fontes estruturadas, com as expectativas e responsabilidades da mídia, nem simples participantes eventuais de papos e mimimis. Assumimos, de alguma forma, o papel de indutores de novas leituras e de novas conversas, expondo, através de links ou de referências, um novo universo informativo e opinativo que, de alguma forma, flui ancorado por nossa eventual credibilidade. Esse campo de formadores de opinião, nessa nova conjuntura, estraçalhou a zona de conforto por onde transitavam a religião, a escola e a família, e outras instâncias menos votadas. É aí que houve uma ampliação real e dramática do acesso à informação. E, talvez, aí esteja a razão do atropelo com o qual essas instâncias formativas tentam domar e ocupar o aparente caráter anárquico das redes.

**P – O caminho da mídia de esquerda é a internet?**

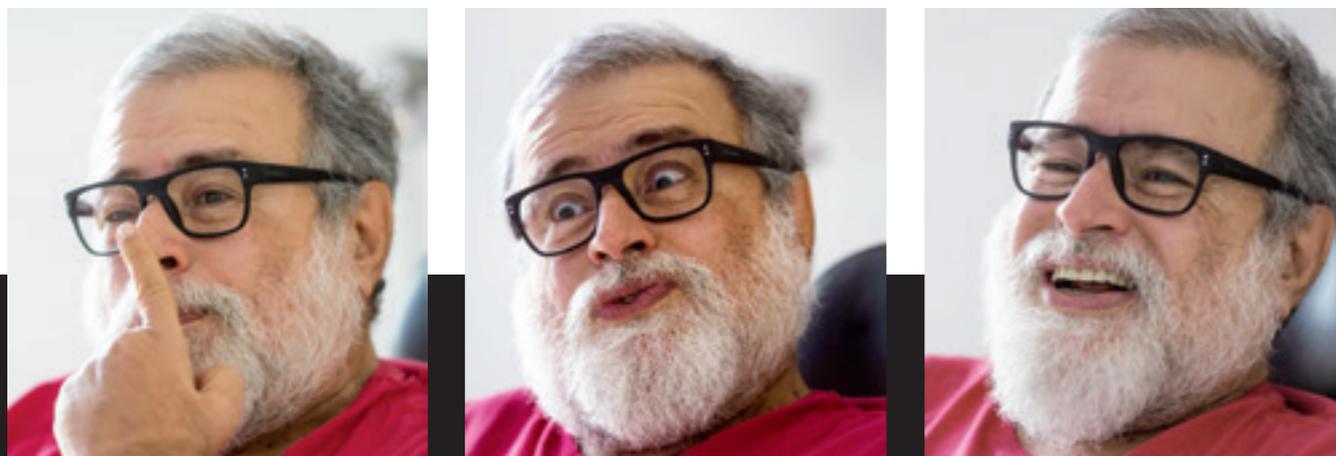
PS – Acho que é uma chance historicamente única, que não existiu antes. É um momento raro, que eu fico muito aflito, achando que a esquerda tá perdendo. Pra começar, para abrir brechas para regulamentações, e porque, às vezes, está mais preocupada em se destruir mutuamente. Por isso eu gosto muito de uns projetos, como o Viomundo, o Cafezinho. São caras que resolveram ter uma pegada jornalística dentro daquilo; eu sou colaborador de dinheiro, sou assinante: é trinta paus, é vinte paus. E faço divulgação, porque a esponja é muito grande, todos os blogueiros ou estão no UOL ou... Essa absorção é muito forte, e o padrão só faz isso quando percebe que é o caminho. No momento em que o Fernando Rodrigues sai da Folha e vai para o UOL, isso é um alarme na cabeça, o caminho vai ser disputado aqui, mas eu acho que a forma não tá pronta, ela está em busca, e esse “em busca”, a indústria está pronta pra comprar, pra adestrar. Eu não tenho a menor dúvida de que a publicidade vai migrar pra esse lado, porque essa mídia nova é muito barata, é uma mídia muito mais de ideia, se você organiza, você não tem papel, não tem distribuição, e o tipo de vínculo empregatício é o que a mídia

já faz hoje, com tanto jornalista hoje que é pessoa jurídica.

**P – Você acha que a vitória apertada da Dilma foi consequência da militância nas redes sociais?**

PS – Eu acho que sim. Se não tem rede social, era um trator. Acho que a campanha dela foi muito forte do ponto de vista formal, mas todos os reequilíbrios foram feitos nas redes. O Aécio apoiado pelo mundo formal da comunicação e tendo de dar satisfação o tempo todo para as redes. Se o caminho dele fluísse livre, ele ia embora. Ele teve que parar a cada momento, pra falar de aeroporto, por exemplo, a mídia não ia repercutir aeroporto, aquilo era rodapé. O difícil é você encontrar o ponto de equilíbrio. Está muito difícil saber quem vai dar o tom, porque, em verdade, os dois lados são muito raivosos, e são irracionais. Claro que a direita está sendo muito mais. Eu até guardo algumas peças, para as pessoas verem até onde chegou. Essa ideia da anta, passeata de jegue, chegou-se a um nível... As pessoas falam “lacerdismo”. Nunca na vida. Lacerda não era um estúpido, nunca foi um Bolsonaro, era um intelectual brilhante, um estrategista. Esse direito se aproxima muito mais de um Tenório Cavalcanti, é um negócio predatório, e eu não sei até quando a rede vai conseguir ser esse polo de atração da atenção das pessoas.

## “QUANDO EU SAÍ DO CTI, TINHA TRIPLICADO O NÚMERO DE SEGUIDORES”



panha com muito dinheiro pra todo lado, uma campanha que está dando motivo pra esse troço todo aí, porque a política chegou num ponto em que não se faz sem essa monumental grana. Por isso, o modelo central do que eu vejo hoje, uma prática barata com dignidade, é a do PCdoB, que está ocupando todo dia com os discursos da [Jandira] Feghali, que espalha. Estão, também sem saber e sem querer, criando um modelo de que é possível ocupar espaço.

**P – Qual é o caminho? É formalizar mais?**

PS – Eu acho que sim. Tem algumas coisas básicas. As pessoas vão ter que ter a possibilidade de viver de internet, de ter segurança jurídica e pessoal, de ter um resguardo financeiro, pra não serem tão frágeis diante de ameaças. Eu acho que parte do mundo da comunicação formal vai ter que migrar junto, porque o mundo ainda funciona assim, mas esse lado que vai ter que migrar junto é maleável, ele atende o interesse do cliente, atende a determinação da cabeça pensante. Um advogado pode ser dali ou de cá. Esse suporte vai ter que vir, porque a comunicação midiática ainda é uma estrutura própria, que não vai ser substituída pelo dia a dia da internet. O interneteiro não informa, ele só confirma, apoia. A estrutura mesmo de comunicação, se ela não for ocupada, se as pessoas perderem o pudor de ir para uma coisa estruturada forte, um UOL de esquerda, quase...

**P – Com apuração.**

PS – É evidente. A credibilidade ainda passa por aí. As pessoas não são estúpidas, elas são emocionais, elas se envolvem, mas, na hora da segurança... Por isso que eu acho que o domingo [12 de abril] vai ser menor do que o dia 15, porque teve o tempo de “ôpa, eu não sou isso aí, não”. Aquela mulher de verde e amarelo xingando o torturador do Dops: “Você é um filho da puta, eu não estou aqui por sua conta, não”. Agora, a esquerda tem que ser mais moderna, e tem que fazer isso antes, e de uma forma eficaz. E perder o medo. Esse tipo de apuração que essa mídia está fazendo hoje ninguém mais vai fazer. O livro da privatária é fruto de internet, esses caras estão pesquisando na internet, porque os dados estão ali, você precisa ter uma visão estruturada do que você quer encontrar. A internet é a megafonte, a megafonte que depende de intencionalidade e de inteligência. Você tem como confirmar, hoje, coisas que antes ficavam no contato, na confiança. Não é uma tarefa pra ser feita de forma solitária. Fazer como é hoje, por necessidade, é aventureirismo, eu acho que isso vai se organizar e que o mundo das pessoas que desejam se informar vai migrar, mas é um negócio experimental ainda.



Não tem por que mais você esperar o Jornal Nacional te contar o que se passou, os jornais tradicionais vão ser confirmadores.

**P – Como é que você vê a direita ocupando esse espaço alternativo, convocando manifestações pela internet?**

PS – Eu acho que a direita cresceu, mas não sabe o que fazer com isso, nem é o lugar dela. O institucionalizado é que é o lugar da direita, ela ainda não transita, transita tensa, porque o que se contrapõe a ela é o mundo formal, e ela é representante dele. A direita não faz guerrilha. O cara vai questionar o que saiu no jornal? Você tem uma luta do mundo formal, em que a internet surge só como episódica. A direita não vai usar o alternativo pra questionar o formal. O alternativo é pra criar o novo. Eu acho que tem um embate, mas é periférico, sazonal, episódico, a direita dá golfadas, porque não tem fôlego. O que eu faço no dia a dia é muito mais difícil de se encontrar na direita, esse tipo de determinação, a disposição de usar o seu tempo ou dar sentido à sua comunicação, é muito mais difícil ser de direita. Se eu fosse de direita, eu estaria dizendo: “Lê o Globo, lê...”

**P – O meio é a mensagem?**

PS – Sem dúvida, eu sou McLuhiano até a medula. O novo pra mim é a esquerda, sempre é esquerda. A sociedade se move pelo conflito. Eu sou interessadíssimo por conflito, eu detesto as falsas harmonias,

quando o clima tá quente demais eu falo: “Oba”. Porque é desse conflito que tá faiscando o novo, a insatisfação, e eu acho, por crença e por vivência, um pouco por história, que quando o novo se estrutura, ele vem pelo lado esquerdo. E a direita compra. Ela compra e incorpora. A sabedoria da esquerda é sobreviver, resistir à incorporação e se preparar para superar a si mesma, saber que o processo que ela está vivendo hoje vai ser institucionalizado, e talvez você tenha que dar o passo seguinte e que muitas das estrelas criadas no alternativo vão virar conservadores, porque a prática dela alternativa virou um baita sucesso, então, o cara é convidado pra todo lugar... Fernando Rodrigues, Noblat, até Cláudio Humberto, em certo momento, foi questionador.

**P – Mas falta a esquerda se organizar melhor na internet?**

PS – Falta se organizar, sentar e pensar sobre isso, tanto do ponto de vista estrutural, do ponto de vista do sistema político, propriamente, que tem que ser pensado, ou seja, o PT, o PCdoB, a união da esquerda tem que saber como usar isso, como fazer, ser proprietário disso, ou apoiar. “Temos uma mídia própria ou apoiamos?” Porque a visão, hoje, da esquerda, é oportunista: “Vamos dar força à Dilma aí”. Mas saiu, não teve apoio para o Dilma Bolada, nós que pedimos apoio, porque o menino, o Jefferson [Monteiro, criador do perfil Dilma Bolada, no Facebook], ficou perplexo. Vocês viram o tanto de coisa que fechou depois [da eleição]? O Muda Mais era uma agência nova de informação, não sei o que houve com aquilo. [Muda Mais, um site que apoiou a reeleição da presidenta Dilma, foi desativado no final de novembro passado; no dia 18 de abril, sua volta foi anunciada nas redes sociais.]

**P – Não passou da hora de a esquerda aprender a fazer isso?**

PS – Com certeza. Ela opta por conviver com a tensão da comunicação como uma zona de conforto e desconforto mais do que arriscado, é incrível como essa coisa não avançou, é incrível o afastamento do Franklin Martins, que tem um projeto belíssimo. Eu, que fico dependurado, falo: “O que está acontecendo?” Aonde está esse medo? Medo de não saber

## “É UM MOMENTO RARO QUE EU ACHO QUE A ESQUERDA ESTÁ PERDENDO”

**P – Você não acha que a campanha da Dilma ficou a reboque das redes sociais?**

PS – Totalmente. O [Marcelo] Branco, lá atrás, tentou organizar, o Lula tinha uma percepção mais aguda disso. O [João] Santana, eu tenho impressão, é mais pau puro, é mais mundo publicitário, disputado na rua, na bandeira. Acho que ele não conseguiu perceber e quase foi atropelado por isso. Porque realmente tinha muita grana, uma cam-

## “O OFÍCIO DE JORNALISTA É TÃO ESPECIALIZADO QUANTO O DE MÉDICO”

fazer, no fundo, acreditar que as pessoas, no final, vão ouvir mesmo o que a Globo diz, acreditar no tradicional. Incrível como a Dilma repercute a manchete do Jornal Nacional, ela vem a público pra repercutir manchete do Jornal Nacional, ela aceita, no momento em que repercute.

**P – Qual seria a postura correta?**

PS – Ela começou a ter uma postura correta, teve uma reunião com os blogueiros, pra dizer: “Vocês são parte do processo de comunicação”. Não é pra apoiar, mas reconhecer como parte estruturada da informação digna e correta para o o povo brasileiro. Isso depende de dinheiro, isso depende de acesso. Mas, no momento seguinte, os caras falam: “E daí? Acabou a reunião e não aconteceu nada”. É coragem básica de financiar um projeto. A Petrobras está vendendo imagem, e é ilusão achar que quem está fazendo a imagem ainda é a direita. Então, pra falar “a Petrobras se supera”, ela fala isso através da Globo, e com muita grana. Quer dizer, ela está saindo da crise sentada no colo de quem criou a crise. É como se corresse atrás do rabo.

**P – Você acha viável uma comunicação alternativa na internet, capaz de competir com os grandes veículos empresariais?**

PS – Viável e necessária. É por aí mesmo. A experiência original do Le Monde é exemplar, nas virtudes e até nos erros. Uma cooperativa de jornalistas que se posicionavam num espectro de centro-esquerda, muitos já calejados, e com rodízio na direção. Foram estrangulados pelo megassucesso

e pelos compromissos daí gerados. O capitalismo se apoderou da indústria da informação quando anteviu a possibilidade de concentração, controle e lucro. E talvez já se prepare, diante das alternativas que surgem, pra ser o primeiro a desembarcar. Hora boa para o público (não o estatal ou partidário) e o cooperativo buscarem espaço. É fundamental estar atento ao “instinto animal” dos senhores empresários do ramo e às suas movimentações. Eles não vieram ao mundo a passeio e não pensam duas vezes para investir em suas próprias contradições.

**P – A esquerda está atrasada nessa iniciativa?**

PS – A esquerda está atrasada porque é conservadora nos métodos, medrosa e excessivamente encantada com as benesses e com o olhar crítico dos governos e suas imaginárias estabilidades. Ao se acomodar em assessorias e CNPJ, um compreensível temor abalou até as mais decididas cabeças. Acho um Sindicato de Jornalistas, hoje, um lugar central para refletir e fomentar esse experimental que se desdobra da prática de seus membros. Ainda não sei qual será esse jornalismo, mas o caminho é por aí, e ainda vai quebrar muita cabeça e fôlego. Os jornalistas são e serão as panelas de pressão onde se fomenta a matéria-prima, embora os padrões jurem que buscarão alternativas. Acho que a Casa do Jornalista deveria, num futuro possível, levantar um encontro para discutir a autoestima da categoria. Esse fator psicossocial tem pesado muito na aparente inércia. A Minas do Aécio foi um laboratório inigualável. Para uma categoria que trabalha com objeto vivo, isolamento é morte.

# JORNALISMO SEM PATRÃO

■ CARLOS CÂNDIDO

Três décadas atrás, pouco depois de ser diplomado em jornalismo pela Federal, meu primeiro trabalho regular foi no Sindicato. Não propriamente no Sindicato, mas na Cooperativa dos Jornalistas, uma cooperativa de trabalho que funcionava em uma sala do Sindicato e de cuja fundação participei, meio que por acaso. No ano passado, também meio por acaso, voltei ao Sindicato, para trabalhar como assessor. As comparações foram inevitáveis.

A Cooperativa não existe mais, na verdade durou pouco, e eu não fiquei para fechá-la. Foi, no entanto, precursora da onda de prestação de serviços que atingiu a comunicação; não se usava ainda o termo “terceirização”, mas era isso que as empresas e serviços públicos começavam a fazer. Curiosamente, o próprio Sindicato – ou, mais especificamente, um grupo de jornalistas que frequentavam o Sindicato – propunha essa alternativa para a categoria: fazer jornalismo sem patrão.

Não vou listar nomes, muito menos pretendo narrar minha trajetória no jornalismo, mas não posso falar da Cooperativa sem reverenciar seu fundador e primeiro presidente, Aloísio Melo, o “Aloísio Arara”; a Cooperativa só existiu enquanto ele, com admirável persistência, dedicou-se a ela. Lembro bem dele me dizendo: “Não estou fazendo isso pra mim, não. A cooperativa é para vocês, recém-formados”. Desconheço o paradeiro do Aloísio, mas já então ele cursava direito e pretendia seguir nova carreira.

Lembro também do jornal que fizemos, uma peça de divulgação da Cooperativa, contendo depoimentos. “Não estou aqui esperando emprego na grande imprensa, estou aqui porque acredito na Cooperativa.” Foi mais ou menos isso que eu escrevi. Um ano depois, estava trabalhando no JB.

E, no entanto, fui sincero nas minhas palavras. Já me perguntei diversas vezes, nesses anos todos, se não devia ter continuado o que “Aloísio Arara” começou.

A Cooperativa dos Jornalistas sofreu a concorrência não só das empresas de assessoria que se formavam, mas também dos “jornalões”, que ampliavam equipes Brasil a fora, e especialmente em Minas, movidos pelos ventos da redemocratização e pelo governo Tancredo, que afinal não houve. A situação, então, era o avesso do que vemos hoje, redações minguando. Levantamento do Volt Data Lab, projeto independente de jornalismo de dados, contabilizou 1.084 demissões de jornalistas no país nos últimos três anos.

O número é alarmante, mas números se prestam a tudo, e o papel (e tela de computador) também, todo jornalista sabe disso. Não sei se os parágrafos acima significam alguma coisa, mas eles começaram a se formar na minha cabeça quando vi as páginas desta primeira revista Pauta. Se o desemprego de jornalistas da grande imprensa é galopante, a comunicação continua se expandindo, e, com ela, as oportunidades de trabalho. Graças às novas tecnologias, temos hoje condições muito mais favoráveis para fazer jornalismo sem patrão do que tínhamos três décadas atrás. Talvez este seja mesmo o jornalismo do futuro.



CARLOS CÂNDIDO é jornalista. Trabalhou no JB, O Tempo, Lead Comunicação e outras empresas. Escreveu inúmeras matérias e alguns livros

foto  
CLÁUDIO CUNHA

“EU SOU INTERESSADÍSSIMO EM CONFLITOS, DETESTO AS FALSAS HARMONIAS”

# MANCHETÔMETRO

## CONFIRMA OPÇÃO DO JORNAL

### ESTADO DE MINAS POR AÉCIO NEVES

POR



JOÃO FERES JR.

Professor de Ciência Política do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP), da UERJ, mestre em Filosofia e doutor em Ciência Política e coordenador do Manchetômetro. Tem publicações nas áreas de teoria política, história dos conceitos, políticas públicas, relações raciais e estudos de mídia



ELIARA SANTANA

Jornalista e graduada em Ciências Sociais. Mestranda em Linguística e Língua Portuguesa pela PUC Minas, com bolsa de pesquisa da Capes. É pesquisadora associada do Manchetômetro

Pesquisa divulgada pelo site Manchetômetro, relativa à eleição presidencial de 2014, revelou elementos importantes sobre o modo como o jornal Estado de Minas trabalhou a informação para direcionar a produção de sentido por parte dos leitores e privilegiar um candidato em detrimento de outros. Para a análise, foram consideradas as chamadas de capa das edições diárias durante o período de julho a outubro de 2014, considerando-se menções positivas, neutras e negativas aos principais candidatos que disputavam a presidência da República: Aécio Neves, Dilma Rousseff, Eduardo Campos e Marina Silva.

Além de pontuar quantitativamente as menções a cada candidato, a análise buscou também, a partir da observação de diversos elementos linguísticos, mostrar como o discurso midiático pode construir a notícia de acordo com um propósito de intencionalidade. Assim, os modos de abordar um determinado fato, ao trazê-lo ao conhecimento do público, omitem certos aspectos que podem ser relevantes para a compreensão dos leitores/espectadores/ouvintes e tornam opacos outros elementos, contribuindo para distorções e/ou construções equivocadas

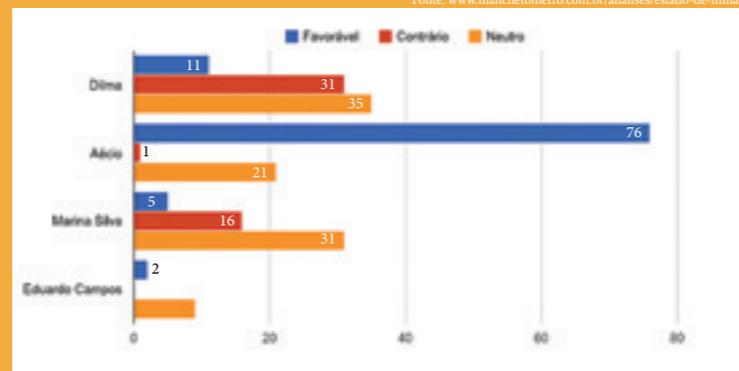
que geram determinados sentidos.

Na análise que efetuamos das chamadas nesse período, avaliamos que a capa do jornal deveria ser considerada como um todo, não apenas observando-se as menções aos candidatos ou as chamadas isoladamente. Tal procedimento se deve ao fato de que a capa forma um conjunto que é muito bem trabalhado e estruturado para conduzir certo padrão de leitura, e, se privilegiássemos somente chamadas principais isoladamente, correríamos o risco de desconsiderar aspectos relevantes.

A observação das capas durante esses quatro meses revelou que, em 118 edições, o jornal referiu-se 101 vezes a Aécio Neves nas chamadas de capa, sendo 78 menções positivas, uma negativa e 29 menções neutras. Com relação a Dilma Rousseff, foram feitas 80 menções, sendo 33 negativas, 11 positivas e 36 neutras; para Marina Silva, houve 47 referências, sendo 5 positivas, 16 negativas e 26 neutras.

Neste artigo, apresentamos para os leitores alguns aspectos que recortamos da análise. Para informações mais detalhadas, o levantamento completo está na página do Estado de Minas no Manchetômetro, disponível em: [www.manchetometro.com.br](http://www.manchetometro.com.br)

#### COBERTURA AGREGADA

Fonte: [www.manchetometro.com.br/analises/estado-de-minas](http://www.manchetometro.com.br/analises/estado-de-minas)

**1** O jornal manteve uma tendência mais personalista, focada na figura dos candidatos, com poucas menções a partidos, fazendo isso somente quando havia escândalos que reportavam ao PT.

**2** Nas manchetes, as escolhas linguísticas – termos, expressões e verbos utilizados para cada um – reforçam conceitos para o leitor: assertividade (Aécio Neves), incapacidade, fragilidade (Dilma Rousseff) e indecisão (Marina Silva).



**3** Em relação à capa como um todo, podemos observar, por exemplo, que há sempre menção a algum assunto negativo de economia, em chamadas sempre próximas da chamada para as eleições. Não há menção a qualquer fator positivo. Não há também referência a nenhuma ação positiva do governo federal. Um exemplo que pode ilustrar essa estratégia é quando, no segundo turno, Dilma volta a ultrapassar Aécio e mantém tendência de subida. Nesse momento, o jornal começa a explorar temas que mostram “descaso” do governo federal com Minas Gerais (como é o caso da “agonia” do Rio São Francisco, cujo projeto, segundo o veículo, perdeu recursos do governo federal).

**4** Outra “tendência” no trabalho com a informação foi ignorar, sistematicamente, o fato de que Marina Silva teve uma subida vertiginosa e ultrapassou Aécio Neves, momento em que o cenário mostrava uma firme possibilidade de haver um segundo turno Dilma x Marina. Não há nenhuma menção a esse fato nas chamadas de capa das edições do Estado de Minas no período. Na capa do dia 4/9, por exemplo, o grande destaque (chamada de quase página inteira) é a escolha do nome do novo bebê macaco que nasceu no zoológico de BH. Neste mesmo dia, o Instituto Datafolha divulga pesquisa que mostra Marina Silva 20 pontos à frente de Aécio Neves e empatada tecnicamente com Dilma Rousseff. Tal fato não é mencionado pelo jornal nessa edição nem nas seguintes. A chamada para as eleições aparece sem destaque no canto superior direito da capa: “Nova bateria de ataques a Marina”. A chamada mostra que a candidata Marina Silva recebe críticas dos dois candidatos, e há destaque para a fala de Aécio Neves.

**5** Estratégia também recorrente foi o uso de abordagem muito negativa da economia. Quando a manchete era sobre economia, a forma de interpelar o leitor buscava sempre ressaltar um tom apelativo, bombástico, pejorativo, com uso de fontes em tamanho bem exagerado (em relação a outras manchetes) nas chamadas/títulos que enunciam/anunciam o “caos” e problemas “graves”. Quase não é utilizada a figura do

sujeito enunciador no título, como outros veículos utilizam, mas a forma impessoal prevalece. Não há ninguém – economista, governo, institutos – que afirma que a economia está estagnada. Isso é dado como fato pela manchete, e nem necessita de fonte qualificada para corroborar o que se anuncia. Está dado simplesmente pelo jornal, então, é “real”.



## O TRABALHO DO MANCHETÔMETRO

O Manchetômetro tem por objetivo servir como ferramenta para o aprimoramento da cidadania. Nas sociedades complexas dos dias de hoje, dependemos imensamente das informações que nos chegam por meio da mídia. Em suma, sem mídia não há como exercermos nossos direitos de cidadania de forma esclarecida. Infelizmente, a produção de conteúdo noticioso, a despeito do crescimento vertiginoso da internet, está ainda na mão de grandes empresas que tradicionalmente oligopolizam o setor em nosso país, desde o tempo da Ditadura Militar. Pior ainda, quase todas foram simpáticas àquele regime de exceção e, depois de restaurada a democracia, passaram a mostrar um consistente viés antipolítico, pró-mercado, antipopular e antiesquerda.

Nossa mídia falha no teste democrático do pluralismo. Cada meio não tem pluralidade interna, ou seja, não reflete os vários pontos de vista da sociedade sobre os temas, nem há no país uma pluralidade de meios que faça isso. Qualquer pessoa com algum bom senso e algum olho clínico, quando exposta ao noticiário de nossos jornais ou dos programas jornalísticos da TV, é capaz de notar o extremo viés da cobertura. O cidadão comum encara esse viés dia após dia, mas não tem ideia de sua intensidade e de como ele é dispensado contra alvos aqui e ali. O Manchetômetro veio sanar essa lacuna. Agora podemos ver claramente, nas páginas do site, as proporções de notícias positivas, negativas e neutras que os jornais Folha de S. Paulo, O Globo, O Estado de S. Paulo e Estado de Minas dedicam aos principais políticos

e partidos do Brasil. A mesma análise é também feita para o Jornal Nacional, o programa jornalístico mais popular da TV.

O Manchetômetro começou analisando a cobertura da eleição presidencial de 2014, mas logo foram incorporados ao site análises das eleições de 2010 e de 1998. Os dados da eleição presidencial de 1998 são de particular interesse, pois nela o presidente concorria à reeleição, como agora em 2014. Só que naquela época era o PSDB na situação, e agora é o PT. Ao compararmos 1998 e 2014, como feito nas páginas do Manchetômetro, podemos constatar se a grande mídia tem um viés contra qualquer um que está no governo ou somente contra o Partido dos Trabalhadores.

# SER CHEFE

para a jornada seguinte.

Só muitos anos mais tarde, quando já não chefiava ninguém mais, aprendi algumas técnicas de liderança que, acho, me teriam sido úteis naqueles 25 anos de chefia no JB, Estado de Minas, Hoje em Dia e Rádio Alvorada. Aprendi revisando livros da Fundação Dom Cabral sobre liderança, incluindo o “Plantando Carvalhos”, de Emerson de Almeida. Colaborando na redação de livros da coleção Grandes Empreendedores Brasileiros. Pessoas que souberam liderar empresas de sucesso, sempre procurando aprender um pouco mais na arte da chefia.

Gostaria de ter tido a mesma oportunidade que eles tiveram, para ser um chefe melhor. Meus erros foram muitos. Acho que só não foram maiores porque, em cada etapa da carreira, nunca deixei de ser repórter. De ir pessoalmente atrás da notícia, de experimentar na carne as dificuldades enfrentadas pelos repórteres – tanto maior quanto mais importante fosse a notícia a desencavar – e desse modo poder minimizar os ataques à sua “incompetência”, quando falhavam.

No início, fui estimulado a isso pelo Juarez Bahia. Não foram poucas as vezes em que eu ligava para ele com uma notícia exclusiva, dizendo que ia mandar um repórter apurar, e ouvia dele: “Castro, por que não vai você mesmo?” Assim, fui criando o hábito, mesmo nos muitos anos em que acumulei as funções de chefe de redação e pauteiro na sucursal do JB.

Não é muito, mas aprende-se a não ser arrogante numa profissão falsamente glamourizada como a nossa.

**E**u me formei em jornalismo pela UFMG aos 28 anos, em 1972. Fui contratado como repórter da sucursal mineira do Jornal do Brasil dois meses antes da formatura. Três anos depois, fui promovido a chefe de reportagem e, daí a três anos, a chefe da redação. Sem um mínimo de treinamento para exercer os cargos. E assim fui levando, aprendendo com os colegas e com os próprios erros.

Com os colegas: Acílio Lara Resende, Jorge Malaquias, Eduardo Simbalista, Herval Braz, José Maria Mayrink e Sebastião Martins, meus chefes na sucursal do JB, e Juarez Bahia e Edil Valle Jr., na sede. Minhas maiores influências no início de carreira.

Espelhando-me neles, fui criando meu próprio estilo. Ouvindo e dando broncas. Em momentos de maior estresse, xingando e sendo xingado. “Vai à puta que pariu”, gritei uma vez para o Edil, batendo em seguida o telefone. “Vai à puta que pariu”, gritou-me o fotógrafo Waldemar Sabino (Mazico), ele pronto para partir para a briga dentro da sucursal. Ninguém foi demitido por isso. Passada a raiva, todos se comportavam como profissionais. E até como amigos.

Parecia uma coisa natural, naquele tempo. O Brasil vivia sob o tacão dos militares; os empregados, dos patrões. Seria uma grande imprudência xingar algum desses. No mais, ia-se levando. E amenizando, sempre que possível, o clima autoritário dentro e fora das empresas. Uma cervejinha no buteco no fim do expediente das sextas-feiras, lado a lado chefes e repórteres, ajudava a curar feridas e nos deixar prontos



POR

**JOSÉ DE SOUZA CASTRO** *Jornalista*

# MÍDIA, O GRANDE PARTIDO CONSERVADOR

A mídia brasileira relata com precisão a miséria dos tempos de delação premiada, mentiras ao vento, factóides diários.

Em tempos outros, delação era adjetivo horrendo, atribuição rebaixada de caráter esquivo. Delator era o último lugar para a consciência humana, condenado ao silêncio e à solidão, se possível com pesada culpa por irreparável mal cometido. Para a mídia de hoje, o delator é herói, construtor de verdades absolutas, duto de virtudes.

Tristes tempos. A transformação da velha mídia em partido político foi um passo desesperado.

Isso levou essa instituição a fazer escolhas, e essas escolhas caminharam contra a informação, contra o jornalismo e contra a verdade.

O espetacular escândalo, ainda em investigação, da Operação Zelotes, conduzido pela Polícia Federal, é de dimensão assustadora e envolve a grande burguesia brasileira. Nomes do primeiro time econômico, como Benjamin Steinbruch, Jorge Gerdau Johanpetter e grupo Opportunity, e também a família Sirotski, do grupo RBS, afiliado da Globo no Sul do país, estão citados em gigantesca fraude fiscal. Há muitas questões à espera de uma resposta: como a Receita deixou chegar a esse ponto? Como ter uma fiscalização omissa? Não há filtros na Receita... A presença de sobrenomes ilustres inibiu. Daí o olímpico silêncio das organizações Globo, Folha de São Paulo, Estadão e assemelhados.

O mesmo se dá com outro escândalo, esse do banco HSBC, apelidado de Swissleaks pelas características similares às do fenômeno Wikileaks, que divulgou documentos oficiais da diplomacia norte-americana comprometedores para figuras de todo o mundo, o Brasil inclusive. Silêncio constrangedor. O jornalista que recebeu o dossiê, Fernando Rodrigues, da Folha de São Paulo, escondeu vergonhosamente os fatos. Graças à intervenção de outros atores se sabe que há mais de US\$ 2 bilhões de mais de 8 mil brasileiros depositados no exterior. Parcela dessa montanha de dinheiro pode ter sido declarada. Certamente há parcela clandestina. E os nomes que acabaram por aparecer são também da elite econômica brasileira. Por que o silêncio?

Nos dois casos, a velha mídia se omitiu. Será pela ausência de alguém do PT, é a pergunta. Essa parece ter sido a escolha da velha mídia, que se transformou em partido político conservador de fato, corroborado pela proposição de ex-presidente da Associação Nacional de Jornais, Judith Brito, que em letra de forma se anunciou a verdadeira oposição face à incompetência do PSDB em enfrentar o governo Lula.

O Manchêtometro, site construído em boa hora pelo cientista político João Feres, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, diagnostica essa opção conservadora e o ativo papel da velha mídia em desconstruir o governo Dilma.

Em Minas, velha província, o exemplo mais acabado dessa submissão é também do velho, carcomido e provinciano Estado de Minas. Desde sempre conservador, foi ativo e devoto servidor da ditadura militar. Na fase pós-ditadura, não rompeu com seu destino histórico: submeteu-se caninamente aos interesses de Aécio Neves e serviu-lhe com destemido primor. Não foi certamente em defesa da cidadania, da verdade e do velho e bom jornalismo, produto ausente em suas páginas há muito tempo. Hoje são tempos de delação, para alegria desses espíritos trevosos.

POR

**EDSON  
MARTINS**

Jornalista

foto  
CLÁUDIO CUNHA

Um programa de entrevistas que revela todas as Minas

Porque MINAS são muitas  
INCONFIDÊNCIAS  
também.

www.inconfidencias.com.br



# O OLHAR

# JORNALÍSTICO



foto ALISSON GONTIJO



foto ELDERTH THEZA

A água, seus usos e sua simbologia é o tema deste Ensaio Fotográfico. As fotos de Alisson Gontijo fazem contrapontos com as imagens produzidas por Elderth Theza das barragens mineiras, revelando o contraste entre a escassez e o lúdico desse bem cada vez mais precioso. Elderth, atualmente fotógrafo da Cemig, e Alisson, fotógrafo independente, integram a Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos de Minas Gerais (Arfoc), responsável pelo ensaio que será publicado em cada edição da revista e tratará sempre de um tema contemporâneo.

foto ELDERTH THEZA



foto ALISSON GONTIJO





foto ELDERTH THEZA



foto ALISSON GONTIJO



foto ALISSON GONTIJO



foto ELDERTH THEZA

# PAUTA, REALIDADE, COMPAIXÃO E VÍRGULA

Letras juntas formam palavras; palavras juntas formam frases; frases juntas formam textos. Esses são ingredientes necessários para escrever, mas não todos. É preciso acrescentar à mistura a simplicidade, a sensibilidade, a correção gramatical e as boas escolhas, preferencialmente com as palavras mais simples e menores. Junto, deve ir uma boa pitada de compaixão, no sentido de ter amor pela humanidade. O resultado, se for bem sucedido, colocará na mesa um texto saboroso, fácil de ler, ao mesmo tempo simples e elegante, pronto para vencer o desafio de levar o leitor até o final do último parágrafo. Essa é a difícil receita para o bom texto jornalístico, fundamentado na observação e na apuração dos fatos, bem fincado na realidade.

Na outra face da mesma moeda, vem o texto de ficção, enorme desafio enfrentado pelo jornalista, que precisa romper com a realidade e soltar as asas da imaginação para continuar usando bem todos os ingredientes que compõem a receita do bom texto e a ele acrescentar o que aprendeu e apreendeu da vida, assim como ela é em toda a sua representação.

Na rotina do jornalista, encontrar a boa

pauta é tarefa fundamental, que antecede a escrita. Os sentidos precisam estar apurados e, no meio deles, os poros abertos, permitindo uma percepção aguçada que entra pelo olfato, pela visão, pelo paladar... e pela pele. A pauta brota da vida e é da observação cotidiana que o jornalista se alimenta.

A boa história de ficção – como a boa pauta – também brota da vida e é da observação cotidiana que o escritor se alimenta. O que muda é justamente a capacidade de romper com a realidade, de tirar os pés do chão, de perder a idéia da objetividade, para se entregar sem meias palavras ao livre exercício da imaginação. O que muda é a capacidade de transitar entre o fato real e o inventado, sabendo que esses dois andam muito próximos um do outro.

Jornalista e ficcionista bebem da mesma fonte – a vida e as histórias das pessoas – e precisam passar todo o sabor dessa fonte para o texto que será produzido. Um – o do jornalista – vai contar a história com princípio, meio e fim. O outro – o de ficção – vai contar a história com princípio, meio e fim, não necessariamente nessa ordem. Mas esse princípio, esse meio e esse fim serão diferentes, porque, na passagem de um para o outro, a realidade se perde e se confunde. E, talvez, se revele muito mais reta, muito mais torta, muito mais lógica, muito mais doida, muito mais improvável, muito mais palatável... Tudo isso porque passa do lado de fora de quem narra para o lado de dentro de quem cria.

Jornalista gosta de escrever, supostamente, jornalista sabe escrever e, se consegue romper com a realidade interna e externa, vai poder dar à história o enredo e o final, que nem precisam ser diferentes dos fatos que a vida cria e expõe todos os dias. E nem precisam ser tão frustrantes como as sucessivas derrotas no sonho vão de melhorar o mundo.

Se ele conseguir isso – que parece pouco, mas é muito –, poderá partir para o próximo passo, ainda mais arriscado, por ser menos comprometido: romper com a vírgula. Assim, passo a passo, primeiro é preciso romper com a realidade, depois, mais adiante, vem a possibilidade de romper com as regras. O prêmio final pode ser a liberdade de, finalmente, retratar a vida como ela é. Boa caminhada!

POR

**MAURÍCIO  
LARA**

*Jornalista e escritor*



foto  
CLÁUDIO CUNHA

DIFICULDADES E ALEGRIAS DE SER REPÓRTER PELAS MINAS GERAIS

O Natal se aproximava. Estávamos reunidos em um grupo de amigos para a confraternização de Fim de Ano. Era pouco mais de nove da noite. O telefone tocou. Do outro lado da linha, o editor, que me perguntou se eu poderia viajar ainda naquela noite. Respondi prontamente que sim, mesmo sem saber o destino. Ele me contou que tinha acabado de receber a notícia de que, no amanhecer seguinte, seria desencadeada uma operação para o combate à chamada “Máfia do Carvão” em Capelinha, Vale do Jequitinhonha, com a detenção de vários dos envolvidos.

O telefonema decretaria o fim de festa para o repórter. Na sequência, liguei para o motorista e para o fotógrafo e, enquanto eles se preparavam, deu para pelo menos revelar o nome do meu amigo oculo. Viajamos mais de 300 quilômetros na distância que separa Montes Claros (Norte de Minas) e Capelinha. Chegamos à cidade do Jequitinhonha por volta de três e meia da madrugada para estar novamente de pé às cinco e meia. Mas valeu o sacrifício: fomos os únicos a registrar a importante operação, mantendo o foco no combate à “Máfia do Carvão”, que já acompanhava há anos.

Em outra ocasião, numa manhã de domingo, por volta das sete e meia da manhã, eu cheguei a uma “pelada” em um clube de Montes Claros. Recebi uma ligação de uma fonte comunicando sobre o tremor de terra, de 4,9 graus na Escala Richter, ocorrido na comunidade de Caraibas, no município de Itacarambi (Norte de Minas), que matou uma criança de cinco anos, o primeiro abalo sísmico a provocar uma morte no Brasil, em 9 de dezembro de 2007. Imediatamente, esqueci a “pelada”. Voltei em casa apenas para trocar de roupa e peguei a estrada para Caraibas, distante 230 quilômetros de Montes Claros. Fui o primeiro repórter a chegar à comunidade, devastada pelo tremor, com casas – de fraca estrutura – parcial ou totalmente destruídas.

Como até então era o único da imprensa

no local, por um momento, me recordei do personagem (vivido por Kirk Douglas) do filme “A Montanha dos Sete Abutres”, que manipula as informações sobre um incidente numa mina exatamente por ter sido o único jornalista a ir ao local, coisa que jamais faria. Tive o privilégio de ser o primeiro a registrar os detalhes do triste episódio, com a sensação de que, logo,

## DO ‘PRESENTE’ DE NATAL AO ‘TERREMOTO’ EM CARAÍBAS

chegariam ao local profissionais de toda imprensa nacional, o que de fato aconteceu, com um jornal paulista chegando a alugar até avião para levar o seu repórter a Itacarambi.

As duas situações descritas acima ilustram como é agitada a vida do repórter que trabalha como correspondente no interior. Além de determinação, isenção, esforço, perspicácia e rapidez, qualidades inerentes ao bom profissional em qualquer lugar, o correspondente deve se manter em constante sintonia com a sede. Essa interação facilita o planejamento e a elaboração de boas pautas, favorecendo a rapidez na publicação dos chamados “factuais”, que exige mais esforço dos profissionais nos tempos das redes sociais e da

comunicação em tempo real.

Trabalho em Montes Claros como repórter de jornais da capital há 25 anos – dois pelo Hoje em Dia e 23 anos no Estado de Minas/Diários Associados. O trabalho é motivador e muito gratificante, prova disso que já resultou na conquista de mais de 40 prêmios estaduais e nacionais (por trabalhos individuais e elaborados em equipe), incluindo quatro ‘Esso’. Tais conquistas possibilitaram a minha inclusão no Ranking dos Jornalistas Brasileiros Mais Premiados de Todos os Tempos. Mas, engana-se quem pensa que o ofício do repórter do interior é vida fácil.

Além da cobertura dos chamados factuais – acidentes, crimes de repercussão, fenômenos da natureza, visitas de autoridades e outros –, o repórter/correspondente precisa estar atento aos acontecimentos do mundo e da sociedade rural, antenado com as notícias de divulgação de pesquisas e estudos, medidas do governo, projetos aprovados pelo Congresso Nacional. Precisa acompanhar tudo aquilo que repercute no dia a dia da população, que interfere na vida das pessoas que estão no interior; que, por sua vez, têm no próprio repórter um meio de serem ouvidas – e de serem lembradas.

■  
LUIZ  
RIBEIRO



*LUIZ RIBEIRO é jornalista no Norte de Minas*

# A CIDADE DE QUE PRECISAMOS

■ TEXTO E FOTO POR GIL SOTERO

*Jornalista ambiental, blogueiro e cicloativista*



Este ano teremos mais um encontro mundial para discutir os efeitos do atual modelo dominante aplicado de “desenvolvimento” nas mudanças climáticas. A grande conferência internacional (a COP 21), cujo objetivo é chegar a um acordo global sobre as mudanças climáticas, para entrar em vigor em 2020, será realizada em Paris, no final do ano. É uma nova tentativa de chegar a um acordo mundial para aliar desenvolvimento econômico e sustentabilidade, em substituição ao Protocolo de Kyoto, de 1997, que teve resultados decepcionantes.

A curto e médio prazos, os cenários são assustadores. Na França, a capital precisou criar um rodízio de carros. Trânsito? Também, mas o principal motivo foi a poluição. Um dado divulgado pela USP no final de 2014 também deixou a população brasileira

perplexa: o número de mortes atribuídas à poluição em SP foi maior do que o de acidentes de trânsito (15.700 frente aos 7.867). No Rio, de acordo com o Instituto Saúde e Sustentabilidade, 4.566 pessoas morreram em 2011 por causa da poluição, índice que supera em mais de 50% os óbitos ocasionados por acidentes de trânsito.

A maior parte da poluição do ar nesses centros urbanos se origina de carros. Em São Paulo, 90%, e no Rio, 77%. A emissão de CO2 e de outros poluentes na atmosfera, advinda dos automotores, ultrapassa em duas vezes o recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Uma projeção do Instituto estima que, em São Paulo, 256 mil pessoas morrerão até 2030 por causa da poluição. Isso mesmo que as emissões caíam 5% ao ano até lá. Com mais pessoas deixando o campo para viver nos centros urbanos, o que já é tido como uma tendência há pelo menos 30 anos, fica a pergunta: que tipo de vida nas cidades teremos em breve (se é que teremos vida)?

Estamos morrendo mais nas cidades, e elas

estão cada vez maiores, com áreas metropolitanas se unindo e transformando-as em megalópoles. Mais pessoas e menos qualidade de vida. A estrutura física e qualitativa não está conseguindo atender, na mesma velocidade, à demanda. Falta saneamento, moradias adequadas, transporte de qualidade, segurança alimentar, água etc.

Comecei a refletir sobre esses temas depois da minha experiência trabalhando no programa Planeta Minas, da Rede Minas de Televisão, entre 2007 a 2013. As pautas ambientais aguçaram a minha percepção acerca do nosso estilo de vida. Cada conversa, cada entrevista resultava em algo muito maior do que uma simples apuração para produzir uma edição do programa: uma grande “inquietação” começou a me afligir. Afinal, o futuro catastrófico

que eu vira tantas vezes na ficção, quando criança, estava ali bem na minha frente, seja numa comunidade que lutava para preservar o cultivo de uma variedade grande de frutas e hortaliças, frente as imensas plantações de eucaliptos no Norte de Minas, ou no desaparecimento de centenas de espécies por causa da destruição da Mata Atlântica no estado. Comecei a perceber o quanto dessas ações estava atrelado ao nosso cotidiano, ao nosso estilo de vida, no qual o tempo é cronometrado, comandado pelo relógio, num estilo de vida tecnocrata e consumista em que tudo é efêmero em um segundo ou uma semana de uso.

Segundo o filósofo Mário Sérgio Cortella, durante suas reflexões no Espaço Cultural CPFL, pela primeira vez na história da humanidade uma geração não se preocupa com o futuro.

“De uma maneira geral na história humana, a geração atual cuida da próxima. Cuida dos recursos, da sobrevivência. Cuida da possibilidade de meios de existência”, observou. A atual geração, contudo, vai na direção contrária. “Talvez sejamos a primeira geração de humanos no Ocidente que não cuida da próxima geração”, declarou.

Esta coluna é o começo de provocações acerca da cidade de que necessitamos. Do estilo de vida que precisamos adotar para manter não somente nossas próprias vidas, mas de toda uma geração que está crescendo e por vir. Comece deixando o carro na garagem, sem usá-lo na ida à padaria ou ao supermercado, ao levar o filho à escola ou ao se deslocar a menos de 4 km de distância.

# JORNALISMO, PROFISSÃO

RAUL  
MARIANO

Entrei no elevador sentindo aquele frio na barriga que a gente sente quando anda de montanha russa. Era um sábado à tarde, e eu faria a tão esperada entrevista de emprego para um jornal impresso. Desde o primeiro período da faculdade de comunicação, talvez desde o primeiro ano do ensino médio, eu achava que um dia poderia ganhar a vida escrevendo, e a oportunidade estava ali.

No intervalo de tempo entre o primeiro e o quinto andar, onde fica a redação, as interrogações faziam fila dentro da minha cabeça. Afinal, eu conseguiria me mostrar capaz de atender às demandas de um veículo que, em um momento tão particular da história do jornalismo, precisava de gente nova para dar continuidade à sua missão?

O teste era claro e objetivo. Partiríamos eu, o fotógrafo e o motorista rumo à Praça da Liberdade para apurar como o belo-horizontino estaria encarando a maior novidade daquele dia. Dezenas de bicicletários haviam sido construídos em pontos específicos da cidade. O projeto - financiado por um banco privado - tinha como objetivo oferecer alternativa para que as pessoas se deslocassem pela cidade.

Em tempos de conscientização

ambiental e receios de um colapso na mobilidade urbana, apoiar o uso de meios de transporte alternativos já era senso comum entre empresas e sociedade. Apesar das pouquíssimas ciclovias disponíveis na capital, do desrespeito constante dos motoristas contra os ciclistas e das manifestações que destruiriam o bicicletário uma semana depois da sua inauguração, a ideia foi unanimemente aprovada.

Voltamos à redação com as falas e as fotos de nossos personagens. Escrevi o pequeno texto e vi a editora daquele plantão ler cada linha sem pronunciar qualquer palavra, mas balançando a cabeça no sentido positivo. Me disse que estava legal, que eu poderia ir para a casa e aguardar um retorno do departamento de recursos humanos. Me ligaram, dois ou três dias depois, confirmando minha contratação.

Foram pouco mais de dois meses no portal do Hoje em Dia até que, num processo de reestruturação de equipes, fui convidado a compor a editoria que cuidaria das pautas de política e economia. Foi aí que a coisa deu um salto.

Aceitei o desafio e vi novamente a fila de interrogações se formar no pensamento. Por não ter nenhuma experiência

aprofundada no jornalismo econômico, eu sabia que aquela decisão poderia ser um tiro no pé. Se eu não desse conta do recado, não haveria segunda chance. Mas, é nessas horas de pequenos desesperos que a gente percebe que a profissão é generosa com quem se propõe a vivenciá-la por

coisas começaram a acontecer.

O gosto pelas pautas econômicas foi aumentando à medida que eu ia vencendo a ignorância sobre as especificidades do tema. Decidi buscar formas de aumentar minha bagagem sobre aquele novo mundo e me inscrevi para um edital aberto pelo Instituto Educacional BM&FBovespa, que oferecia

bolsas para um MBA em Mercado de Capitais direcionado a jornalistas. E, aí, pimba!

Sigo na rotina intensa de estudos. Uma

semana por mês em São Paulo, tendo aulas sobre macroeconomia, matemática financeira, previdência e mais uma série de disciplinas que vão abrindo minha cabeça para a economia, talvez a mais humana das ciências.

Na velocidade em que as coisas aconteceram para mim – tudo isso em menos de um ano de profissão –, vejo claramente que o momento que vivemos é especial. Para o bem e para o mal, temos informação em excesso, matéria-prima que é nossa razão de ser. Por isso, encarar o jornalismo como uma atividade em transformação é muito mais sensato, honesto e coerente do que sentenciar sua morte.

# DO FUTURO

completo.

Jornalismo é, antes de tudo, interesse pelo que não se conhece. Mesmo sabendo de todos os prognósticos negativos e teses que sentenciam a extinção da profissão, vi que naquele momento eu já era dependente dessa “cachaça” que, dizem, deve durar até que a morte nos separe.

Enxerguei a fagulha desse ofício brilhar sem me deixar seduzir pelo “afã de protagonismo” comum aos jovens recém-formados e “desvinculados da realidade e de seus problemas vitais”, como bem disse o mestre Gabriel Garcia Marquez. E as



RAUL MARIANO é repórter do jornal Hoje em Dia

foto FLAVIO TAVARES



**Convicto**  
corretora de seguros



**Faça já sua cotação**

**Entre em contato**

**(031) 3243-0811 / 9256-0811**

- Seguros para Automóveis;
- Seguros Residenciais;
- Seguros Condomínio;
- Seguros de Vida e outros.

**contato@convictoseguros.com.br**

**www.convictoseguros.com.br**  
**Rua dos Guajajaras, 457, Centro - BH/MG**

# BLOG: LIBERDADE (AINDA QUE TARDE) PARA JORNALISTAS

CRISTINA MORENO  
DE CASTRO

Achei de agendar cinco posts para meu blog. É um sábado, estou de folga, sem plantão, poderia estar deitada na rede lendo o livro que tem me tirado o sono nos últimos dias. Mas preferi ligar o computador e escrever no meu blog.

É sobre esse hobby-paixão-vício que vou escrever nesta coluna da revista Pauta.

Não sei dizer qual o percentual de blogueiros que também são jornalistas, mas, tomando por base os jornalistas que conheço, posso dizer que a maioria já teve alguma experiência com blogs, muitas vezes como hobby.

O que leva à pergunta: por quê? Com raras exceções, blog não dá dinheiro. Também nem sempre dá leitura, porque a concorrência é imensa: só no último ano, foram criados 14 milhões de novos blogs no Wordpress, a plataforma mais popular. Além disso, nosso trabalho já exige várias horas diante do computador, escrevendo. Então, para que ter um hobby como este, tão... jornalístico?!

Acho que a resposta está em outra grande característica dos blogs: a liberdade. É comum os jornalistas se frustrarem com a profissão depois de um tempo, seja por não conseguirem apurar todas as pautas que gostariam, seja por ficarem muito engessados em uma editoria ou por não terem muito ESPAÇO – físico mesmo – para publicar nos jornais e revistas tudo aquilo que levaram horas, dias ou semanas apurando. Já no blog, o repórter de economia pode escrever sempre que der na telha uma resenha de filme ou uma crônica sobre a cidade, por exemplo. Pode escrever quantos caracteres quiser, e ainda acrescentar vídeos, áudios,

fotos, documentos. E, agindo com a responsabilidade que qualquer publicação nos exige, pode escrever sem amarras, ser seu próprio publisher. Não é esse o sonho de todo jornalista?

Blogs tornaram-se, assim, belas válvulas de escape.

Foi por isso que, há pouco mais de 12 anos, criei meu primeiro – quando a ferramenta ainda era relativamente nova no Brasil. Era só sobre política e, com meu pai, que é um jornalista experiente e meu maior professor, a universitária que eu era foi aprendendo a fazer análises, ler relatórios, decifrar decisões judiciais, interpretar pesquisas eleitorais etc. Também aprendi que meu próprio testemunho tem validade – blogs são o espaço ideal para publicar opiniões e percepções em primeira pessoa, neste mundo de selfies em que vivemos. E descobri a importância cada vez maior de outra característica bem própria dos blogs: a interação com os leitores, que comentam, curtem e compartilham o post em questão de segundos.

Desde que criei meu primeiro blog, já me formei em jornalismo, em relações públicas, mudei de Estado, desmudei, trabalhei em três veículos, frilei, migrei do impresso para a internet. Fui alterando minhas experiências com o jornalismo, e aprendendo cada vez mais sobre esta profissão-cachaça. Mas uma coisa não mudou desde então: eu sempre tive algum blog. E continuo fascinada pela liberdade de pensar que ele me proporciona – a ponto de dedicar horas do meu sábado livre a ele. Aliás, isso daria um bom assunto para um post...



CRISTINA MORENO DE CASTRO é jornalista formada pela UFMG em 2007. Passou pela Folha de S. Paulo e G1 e fez trabalhos freelance para o portal UOL. Atualmente é redatora do portal O Tempo. Blogueira desde 2003, criou o Blog da Kikacastro (kikacastro.com.br) em 2010, reproduzido no O Tempo e no Brasil Post

CLÁUDIO CUNHA

foto

# ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

Jornalismo não pode ser enfadonho. Estamos perto de perder essa batalha. Talvez por causa da polarização política do país e da imprensa em geral, tenha entrado em cena um estilo excessivamente argumentativo e combatente de ocupar o debate público. O que se ganha em retórica, perde-se em prazer. Há quem argumente que, nos dias bicudos que correm, não se trata só de jornalismo. Mas política também não pode ser chata.

No momento em que tão importantes discussões trazem à tona questões como liberdade de informação, regulação, pluralismo e democratização, será que tem sentido cobrar arte do jornalismo? Em outras palavras, será que a urgência do conteúdo anistia a forma e abranda a responsabilidade com a linguagem, a beleza e a invenção? Todo assunto sério é, antes de tudo, um chato? Tenho fé de ofício que é exatamente

o contrário. Só o bom texto é capaz de convencer de corpo e alma.

A falta que a arte de escrever e mesmo a literatura andam fazendo ao jornalismo pode ser percebida em vários aspectos. Um deles é o humor. Uma imprensa marcada pelas disputas quase sempre deixa de lado a elegância para ficar com o sarcasmo. Com isso, as reportagens e artigos perderam a leveza para abusar da agressão velada. O humor, que sempre foi instrumento da inteligência, hoje é muleta do ódio. Em vez de sorrir com o espírito, o leitor é convidado a um esgar de antipatia a cada parágrafo.

Outra perda a se lamentar na escrita jornalística foi o esgarçamento moral da arte de contar histórias de gente de carne e osso. Nos jornais, revistas e sites, hoje, as personagens são peças de teoremas, estão lá para ligar as premissas com a conclusão. O pior é que a parte

final do silogismo jornalístico costuma ser a própria pauta. Tudo se dá de trás para frente, para validar teses. Vai-se ao mundo para encontrar o já sabido. No lugar de “era uma vez” entra em cena “a culpa é do PT” ou “do FHC”.

A sempre repetida afirmação da crise do jornalismo é um fato histórico incontestável e, até o presente momento, incompreendido mesmo com os renovados chutes de consultores atilados em busca de mercado. Há razões tecnológicas, políticas, mercadológicas e até éticas para a esfinge que desafia a raça de pessoas que respiram notícia. A imprensa, contudo, está asmática, puxa um ar que não vem, não sabe se estará viva no minuto seguinte.

Mas existe também um impasse narrativo, um prejuízo estético, uma carência de prazer. Falta tanto arte quanto substância.

POR

JOÃO PAULO

foto CLÁUDIO CUNHA



Jornalista, formado também em filosofia e psicologia, é colunista do jornal Brasil de Fato e presidente do BDMG Cultural

# UM PASSO A CADA DIA

ANA PAOLA AMORIM

Um breve balanço da campanha pela democratização das comunicações no Brasil é reflexo das dificuldades dos tempos que estamos vivendo. Parte da má notícia que é o próprio cenário das comunicações, pouco ou nada promissor, principalmente do ponto de vista político: nenhuma força ou mesmo disposição por parte do governo federal de propor essa agenda, a elevada resistência por parte do Congresso e, claro, das empresas de mídia, que detêm o monopólio da fala.

A boa notícia é que o fôlego para enfrentar a peleja também aumentou. Essa foi a disposição que marcou o 2º Encontro Nacional pelo Direito à Comunicação, em Belo Horizonte. Setecentos participantes – entre inscritos e convidados – pode parecer pouco para um movimento nacional em um país da dimensão do Brasil. Mas, como os organizadores disseram, foi o maior já realizado pelo Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC). Os professores Guillermo Mastrini (Argentina) e Gustavo Gomez (Uruguai), visitantes estrangeiros que participaram de movimentos exitosos de renovação da lei de mídia em seus países, elogiaram o tamanho e a diversidade do movimento brasileiro. “Se

nós conseguimos, vocês também conseguem”, disse Gomez. Ninguém entra iludido – o enfrentamento é duro –, mas ninguém vai arredar o pé.

O desafio, na opinião quase unânime dos presentes, é que a criação de um novo marco regulatório da comunicação, embora central para estabelecer condições mais democráticas de organização do sistema de mídia, não é suficiente. É necessário fortalecer e ampliar a consciência do papel da comunicação no fortalecimento da democracia e da cidadania. Um processo de conquistar “corações e mentes” para a campanha, nas palavras da coordenadora do FNDC, Rosane Bertoti.

Se isso indica uma jornada ainda mais extensa e sem trégua, por outro lado, permite identificar um largo espaço de medidas que podem ser adotadas para tornar mais democrático o processo de formação da opinião pública, para promover espaços onde as pessoas possam falar e ser ouvidas.

É um caminho vasto de possibilidades, mas o acesso a ele requer um exercício amplo de convencimento. Significa reconhecer o status público da comunicação e entendê-la como objeto de política pública. E isso não é fácil, pede construção.

## CENÁRIO MINEIRO

Em Minas, o governador Fernando Pimentel cumpriu com sua promessa de, ao final dos primeiros 90 dias de governo, apresentar um balanço da situação

em que encontrou o Estado depois de 12 anos de gestão tucana. Foram destacadas as áreas de políticas públicas e, no entanto, nenhuma linha sobre a comunicação no Estado. Ao longo de sua campanha, um dos pontos amplamente discutidos foi a caixa-preta que foi a comunicação nos governos do PSDB. No entanto, continuamos sem saber como foi a divisão da verba publicitária oficial e qual foi o total de gastos do governo passado nessa área. A expectativa é de que o atual governo apresente seu projeto de comunicação para o Estado.

Isso é fundamental, a considerar que foi um governo eleito com a promessa de promover uma administração participativa e democrática, descentralizada a partir de estruturas de fóruns regionais para ouvir as pessoas na formulação das políticas. Mas, para efetivar isso, é necessário um processo de produção e circulação de informações mais democrático e de um sistema de acesso à informação pública eficiente. Espera-se, ainda, que seja implantado um modelo mais republicano, descentralizado e participativo de comunicação pública, envolvendo não só os canais de comunicação do governo, mas também, e principalmente, uma ampla rede de

comunicadores e comunicadoras populares.

É necessário ainda muito trabalho para que se consiga estruturar um conceito mais vigoroso de comunicação pública que substitua a concepção antiga de comunicação governamental. Muitos órgãos e agências de governo ainda seguem um modelo organizacional tradicional baseado na estrutura das assessorias de comunicação voltadas para “colocar” as instituições “na imprensa”. Como diz a professora Elizabeth Pazito Brandão, o foco principal dessas assessorias ainda é a mídia, não o cidadão.

## DIREITOS DE COMUNICAÇÃO

No poder Legislativo, a situação não é muito diferente. A proposta de um Conselho Estadual de Comunicação, previsto na Constituição Estadual, nunca chegou a existir. Sua implantação é uma base para se estabelecer um processo sistematizado de discussão sobre as políticas do setor, para tornar esse um tema cotidiano, como são a educação, a saúde, a assistência social e tantos outros que contam com conselhos nos três níveis de governo.

Há muito que os movimentos sociais que militam na área identificaram um movimento interessante: já não se trata mais de falar de um direito de comunicar, mas de estabelecer direitos de comunicação. A clareza do que isso significa diz muito ao movimento e à possibilidade de promover alguns avanços na área. É um processo lento, complexo, muitas vezes contraditório e que se faz um pouco a cada dia, como bem lembrou Gustavo Gomez no 2º ENDC. Está mais do que na hora de esse movimento encontrar um ouvido atento nas esferas institucionais.



ANA PAOLA AMORIM é jornalista, doutora em Ciência Política e coordenadora do Laboratório de Jornalismo Impresso da Fumec

foto

CLÁUDIO CUNHA



10% de desconto  
para pagamento à vista!

Organização e Cerimonial de Casamentos,  
Festas de 15 anos, formaturas e  
Eventos Corporativos.

31 9972-7470

chriscruzbh@gmail.com

Facebook: Christiane Cruz Cerimonial e Eventos.



Crédito da Foto: Maristela Chisté Decorações

# AINDA PENSANDO COMO JORNALISTA

■ ANA CLÁUDIA  
VIEIRA

No primeiro dia de aula do curso de jornalismo, em 2006, quando fomos perguntados sobre o motivo de escolhermos a área, em meio a respostas como “sou modelo e já estou na área”; “quero ser apresentador”; “quero trabalhar com jornalismo esportivo”; “quero ajudar o mundo a se tornar melhor”, não havia nenhuma resposta do tipo “gosto de comunicação corporativa e quero ser assessor de imprensa”. Depois de cinco anos de formada, vejo que cerca 80% dos colegas que continuaram na área estão inseridos na comunicação corporativa.

De fato, um número alto de graduandos em jornalismo são contratados pelo setor, seja em agências ou em departamentos de comunicação dentro das próprias empresas. Nem por isso, os cursos de jornalismo e comunicação valorizam, devidamente, a área em suas grades curriculares. Em muitos casos, a assessoria de imprensa (AI), quando trabalhada em disciplinas como Comunicação Organizacional, é apresentada com uma rotina um pouco fora da realidade.

De sorte, logo no primeiro período do curso, me inscrevi em uma oficina de AI, o que me trouxe informações e possibilidades. Entendi como a AI estava inserida no leque de comunicação organizacional e a importância de haver canais de comunicação com o público e a sociedade. Fiquei fascinada pelos processos!

Na primeira oportunidade de estágio em agência, deixei para trás a assessoria ilusória, definida como um mundo de “press kits” sem fins, coletivas de imprensas semanais e notícias bombásticas a serem comunicadas sobre seu único cliente (naturalmente uma grande marca). Na prática, eram pequenos e clientes diversificados com fatos pouco noticiáveis (à primeira vista) e uma imprensa pouco receptiva a assessores recém-formados.

O poder de observação fez toda diferença. Perceber como assessores experientes faziam

e como abordavam os veículos. Outro diferencial foi continuar pensando como jornalista à procura da notícia e encontrar os fatos noticiáveis dentro do universo dos clientes. No curso prático de assessoria de imprensa em que sou professora, sempre enfatizamos a importância de levar aos colegas das redações somente aquilo que realmente for de interesse público, conforme a linha editorial de cada veículo.

A estratégia deu certo. Aos poucos, e com muito trabalho sério, fui mostrando que não estava de oba-oba. Tornei-me um elo entre a imprensa-sociedade e os clientes. Conquistei o respeito dos jornalistas com os quais lidava e resultados estratégicos para os clientes.

Creio que essa realidade é um reflexo do que acontece no setor. Há mais profissionalização. Ainda há desafios, claro. E para um bom assessor, isso é um motor impulsionador. Temos que continuar garantindo a valorização dessa área, formatar cursos de comunicação mais de acordo com a realidade prática e menos teóricos. O mesmo vale para as especializações.

Outro desafio é a adequação às mídias digitais, ainda em processo. Estamos no caminho certo; já temos um perfil de profissional bem definido, assim como práticas e técnicas. O processo é dinâmico, e a inovação se faz todo dia. Nossa esperança é que, nos próximos anos, pelo menos um terço dos alunos dos cursos de Comunicação saiba da possibilidade de atuação em AI e comunicação corporativa.



ANA CLÁUDIA VIEIRA  
é jornalista especializada  
em comunicação corporativa,  
coordenadora de Novos Projetos  
e professora do Curso Prático de  
Assessoria de Imprensa da Zoom  
Comunicação

foto

CLÁUDIO CUNHA

Melhor para você:

## TRINCHEIRA DO ITAÚ. A OBRA MAIS IMPORTANTE DE CONTAGEM NOS ÚLTIMOS 30 ANOS.



CONTAGEM SEGUE AVANÇANDO  
COM OBRAS POR TODA A CIDADE.



SAIBA MAIS:  
[www.contagem.mg.gov.br](http://www.contagem.mg.gov.br)  
facebook.com/prefeituracontagem

PREFEITURA DE  
**CONTAGEM**

Fazendo  
sempre  
o melhor  
para você.

# HÁ 70 ANOS, SINDICATO DOS JORNALISTAS DEFENDE A DEMOCRACIA

Este ano, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais completa 70 anos de atuação em defesa da categoria, da liberdade de imprensa e da democracia. Fundado no dia 6 de setembro de 1945, o Sindicato dos Jornalistas já percorreu uma longa e rica trajetória política, sempre mobilizado pela liberdade de expressão, motivo pelo qual se viu perseguido muitas vezes, até mesmo de forma violenta.

A fase mais difícil dessas sete décadas ocorreu certamente durante a ditadura (1964-1985), quando a sede do Sindicato, conhecida como Casa do Jornalista, abrigou movimentos de resistência ao autoritarismo e à repressão. Em represália a essa postura firme da categoria, representada pelo Sindicato, a Casa sofreu atentados a bomba praticados por terroristas de direita, que danificaram o prédio, mas, felizmente, não fizeram vítimas. E tornou-se um símbolo da luta pela redemocratização do Brasil, sendo por isso conhecida também como “a casa da democracia”.

Essa tradição continua sendo mantida pelo Sindicato, que encampa a luta pela democratização da comunicação com o entendimento de que a liberdade de imprensa passa pelo livre exercício da profissão de jornalista e pelo direito da sociedade de ser informada, de forma

livre, ampla e sem manipulação política ou ideológica.

Hoje, como ontem e sempre, a Casa do Jornalista está aberta não apenas aos profissionais de imprensa, mas a toda a sociedade e aos movimentos sociais comprometidos com a luta pela democracia no Brasil.



*Luís Carlos Prestes participa de evento político no Sindicato*

*fotos* ARQUIVO DO SINDICATO DOS JORNALISTAS



*Célio de Castro (à esq.) descerra placa em homenagem a Edgard da Matta Machado*

## CELEBRAÇÕES DOS 70 ANOS DO SINDICATO COMEÇAM COM SESSÃO SOLENE DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

Uma sessão solene da Assembleia Legislativa de Minas Gerais vai homenagear os 70 anos do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais. O evento será realizado no dia 21 de setembro, às 19h. A homenagem foi acertada em reunião do presidente Kerison Lopes com o presidente da Assembleia, deputado Adalclever Lopes (PMDB), no dia 20/8, quando foi entregue requerimento do deputado Rogério Correia (PT), líder do bloco Minas Melhor (PT, PCdoB, PMDB, PRB, PTdoB, PROS, PR), solicitando a sessão. O presidente da ALMG manifestou seu apreço pelo Sindicato e ressaltou a importância de homenageá-lo.

A sessão solene marcará o início das comemorações do septuagésimo aniversário da entidade, que estarão sob o comando da nova direção da Casa do Jornalista. A composição da nova direção da Casa foi aprovada pela diretoria colegiada do Sindicato (formada pela Diretoria Executiva, pela Diretoria Setorial e pelo Conselho Fiscal) em reunião realizada no começo de agosto. A reativação da Casa do Jornalista é mais um item do programa

da chapa eleita em 2014 que está sendo cumprido.

### **Casa do Jornalista**

A nova direção da Casa do Jornalista é composta por Mauro Werkema (que preside a Casa), Américo Antunes, Aloísio Lopes, Dinorah Maria do Carmo, Guy de Almeida, José Maria Rabêlo, João Paulo Cunha, Vilma Fazito, Jane Medeiros, Vilma Tomaz e Eduardo Costa. Por sugestão de Werkema, a diretora Vilma Tomaz, que tem vasta experiência na função, atuará como coordenadora-executiva da Casa.

Na sua primeira reunião, a nova direção da Casa do Jornalista definiu que a recuperação da memória da instituição será seu trabalho prioritário. A primeira ideia a ser executada é a realização de uma ampla pesquisa sobre a história da Casa, com o objetivo de produzir um livro, além de um catálogo, uma exposição e uma página na internet para a qual jornalistas e sociedade em geral poderão enviar imagens e documentos que ajudem a contar a história da Casa do Jornalista.

# JORNALISMO *bossa nova* E JORNALISMO *ROCK'N ROLL*

FERNANDA ODILLA

Lembro-me bem do dia em que o destino das próximas férias foi discutido na minha casa, em Belo Horizonte. Tinha dez anos de idade e uns sete anos ininterruptos de Espírito Santo no currículo de viajante mirim. Diante da minha insistência em voltar para a mesma praia de sempre, minha mãe estendeu um enorme mapa do Brasil sobre a mesa de jantar.

– Veja como o nosso país é enorme. Se formos para o mesmo lugar todos os anos, deixaremos de conhecer isso tudo. Lembre-se: esse é só o Brasil, o mundo é muito, muito maior que isso – disse-me ela, com sua habitual sabedoria e serenidade.

Naquelas férias, fomos parar em Manaus para conhecer a floresta amazônica. E, desde então, esse mundão tem me despertado uma inquietude peculiar. Reconheço que uma das razões pelas quais escolhi o jornalismo como profissão foi a possibilidade de viajar a trabalho (e de trabalhar fora).

Minha primeira tentativa de trabalhar longe das montanhas de Minas, contudo, fracassou. Bati em algumas portas em Brasília, mas o currículo de recém-formada e os parcos contatos daquela época pareciam ser insuficientes para arrumar um trabalho na capital federal.

Voltei para casa e comecei minha carreira na cidade natal. Por quatro anos, fui uma empolgada repórter de cidades. Cobri polícia, entrei em favelas,

enfrentei lama depois de enchentes e viajei muito pelo interior, cruzando as montanhas, bebendo café e proseando com gente muito diferente.

Brasília, contudo, ainda me atraía, e muito. Em 2005, veio a oportunidade definitiva de trabalhar na cidade que respira os Três Poderes e seus apêndices. Foram nove anos de Planalto Central, subindo e descendo a Esplanada dos Ministérios, cruzando os salões e corredores do Congresso, assistindo a julgamentos de dentro do plenário do Supremo Tribunal Federal e presenciando a fala de presidentes e ex-presidentes da República.

Nessa conta, é preciso colocar, ainda, plantões intermináveis na porta da Polícia Federal, em pilotis de apartamentos funcionais ou na entrada do Palácio da Alvorada e da Granja do Torto. Noites viradas com pilhas de documentos para ler, analisar e transformar em notícia. Noites insones preocupada com a manchete do concorrente, com a própria matéria ou com uma entrevista importante a ser feita.

Estava em Brasília quando a internet mudou todo o processo jornalístico. O deadline passou a ser agora, enquanto o evento, a sessão, o julgamento estão acontecendo, e não mais apenas no meio ou no fim do dia. A pressa e a pressão ficaram

ainda maiores. Tal qual minha inquietude; inquietude de quem um dia se debruçou sobre o mapa do Brasil para escolher o destino das próximas férias.

Para acalmá-la, tenho encontrado desculpas para cruzar rodovias e atravessar oceanos por conta própria. Primeiro, as Olimpíadas me trouxeram a Londres. Vim estudar, assistir aos jogos e fazer matérias. Depois, fui parar na fronteira do Brasil com a Argentina, no interior de Santa Catarina e em diferentes cidades da Itália, seguindo os passos de um personagem para um livro reportagem. Em dezembro de 2014, desembarquei novamente na ilha da rainha Elizabeth para estudar, mas confesso que até já fiz plantão em frente a latões de lixo à espera de alguém que pudesse dar uma

entrevista sobre minha pauta: reciclagem de roupas.

Com o tempo, descobri que trabalhar distante das montanhas de Minas é apenas diferente. Nem melhor nem pior. Veículos de comunicação são, ao mesmo tempo, muito parecidos e muito distintos entre si. Cada um com suas peculiaridades e idiosincrasias e, a depender de onde fica a sede da empresa, uns são mais “bossa-nova”, outros, mais “rock’n roll”.

Acredito que bom jornalismo/jornalista, contudo, deve ser o mesmo em qualquer lugar. No fundo, acho que a experiência em terras estrangeiras não transformou minha mineiridade jornalística. O sotaque pode até estar mais ameno, mas ainda pratico o gosto pela prosa comprida, pelo cafezinho sem pressa e admiro a postura mais serena, menos agressiva dos jornalistas mineiros.



FERNANDA ODILLA é jornalista, formada pela PUC Minas em 2001. Trabalhou para o *Jornal do Brasil*, *Hoje em Dia*, *Estado de Minas*, *Correio Braziliense* e *Folha de S.Paulo*. É autora de *“Pizzolato: Não existe plano infalível”*. Hoje vive em Londres, onde faz doutorado no *King’s College*.



## UMA CASA NO CORACÃO CULTURAL DE BELO HORIZONTE

# NOS TEMPOS DE MONZECA

Ele detestava o apelido que se incorporava à sua identidade. Hermenegildo Chaves tinha o saber dos autodidatas. Conhecía o idioma em suas nuances e era perito em regência verbal.

Foi professor de jornalismo de Rubem Braga. E, para o meu orgulho, meu professor também. Conhecía a língua inglesa com apuro, mas seria incapaz de pronunciar um só vocábulo – seus olhos eram bons, mas seus ouvidos, não.

Ajudou Abgar Renault a traduzir os Poemas Ingleses de Guerra, mas só contou isso a dois ou três amigos mais íntimos.

Era sem dúvida um dos maiores articulistas do Brasil. Estando contra Getúlio, escreveu poderosos rodapés no “Diário de Minas”, durante a crise que o levaria ao suicídio. Morto Vargas, passou a defender sua memória com o mesmo talento, comparando seu drama às tragédias shakespearianas.

Viveu e morreu sem ter feito uma só viagem aérea. Tinha pavor dos “aeroplanos”. No dia 25 de agosto de 1954, ao voltar do Rio, aonde fora cobrir a morte de Getúlio, redigi minha matéria e a co-

loquei em sua mesa. Depois de ler meu nome na linha de crédito, chamou-me às falas: “Embuste com os leitores, eu não permito. Como é que você pode estar no Rio e em Belo Horizonte ao mesmo tempo?”. “Vim de avião, respondi”. E ele: “Me desculpe. Esqueci que existia esse negócio”.

Não bebia nada alcoólico. Contentava-se com água tônica e cafezinhos sucessivos.

Naquele tempo, era desonroso levar um “furo”, e a disputa se fazia entre o “Diário de Minas” e o “Estado de Minas”. Eram raros os latrocínios e comum que inventássemos, para os novatos na reportagem policial, que havia ocorrido um homicídio. Foi assim que surgiu a figura do foca “ice cream”, de “há esse crime?”.

Frequentávamos, noite após noite, o Pólo Norte, que jamais fechava suas portas. Em uma de suas mesas, certa noite embriagou-se Orson Welles, nos anos 40. O mais erudito de todos era Milton Amado, o melhor tradutor do Brasil e um dos maiores do mundo. Até hoje não sei quando trabalhava porque passava

a noite inteira bebendo a pior bebida que existe – “traçado” de conhaque de alcatrão com vermute. Suas traduções de Dom Quixote e de O Corvo, de Edgar Allan Poe, são consideradas pelos críticos como das melhores já feitas em nossa língua. E havia o Marcelão, Marcelo Coimbra Tavares, com sua voz tonitruante e seu texto de realismo fantástico.

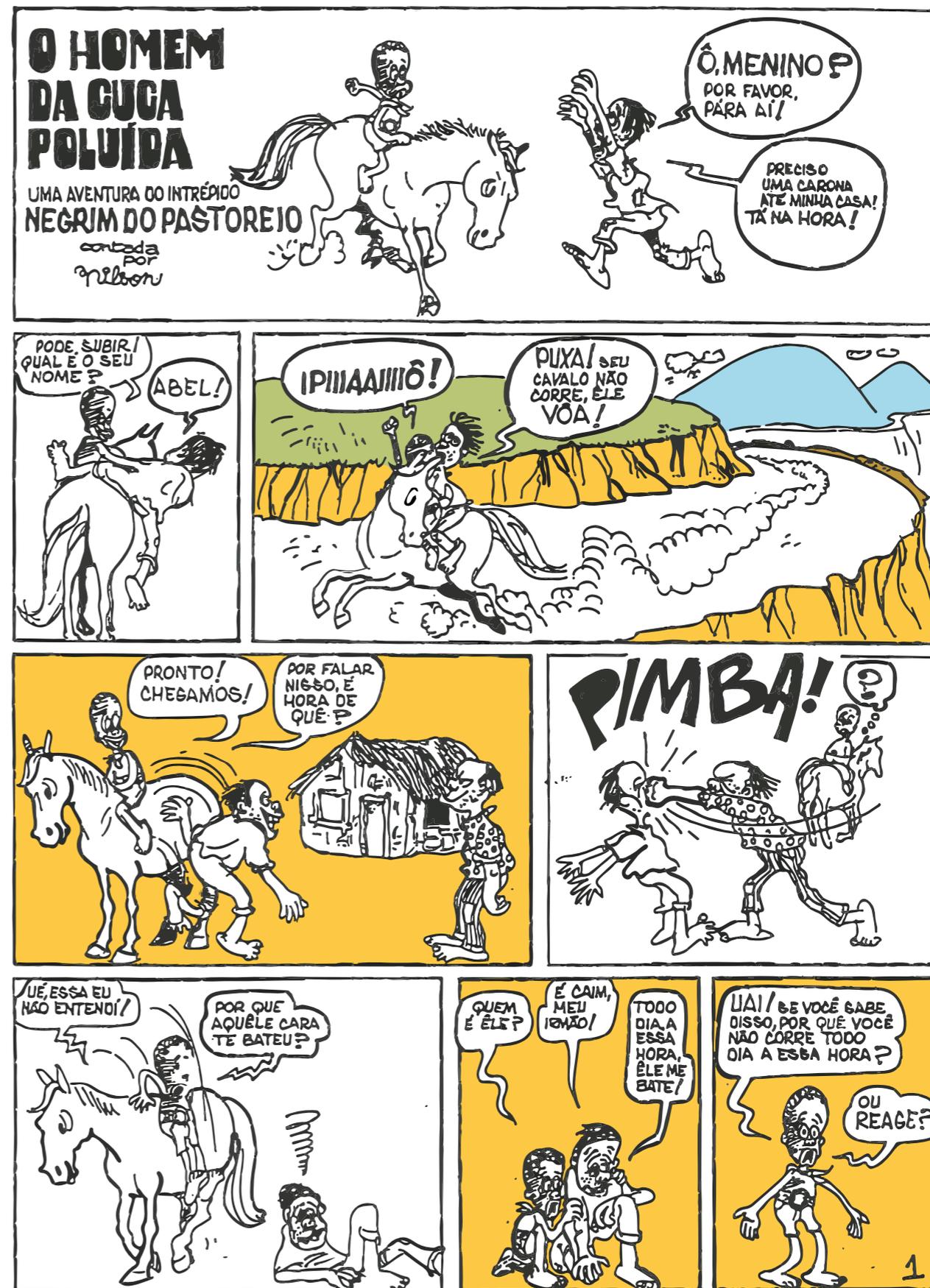
Éramos até certo ponto ingênuos. E felizes. Em uma sexta-feira da paixão estávamos no Pólo Norte e inventei que uma seita de magia negra iria se reunir no cemitério. Propus que nos misturássemos a eles, compramos umas velas com o dono do bar, o Silveira, e seguimos para o Bonfim. O muro do lado que dá para a Rua Mariana tinha um buraco, que usamos para entrar. Só eu sabia que não havia ninguém, mas zanzamos por ali em busca dos adeptos de Satanás. Cansados de vagar, pulamos a mureta da frente com as velas acesas. Um bêbado que dormia por perto com sua garrafa de cachaça levantou-se em um salto e saiu correndo pela Rua Bom Fim abaixo. Alguém sugeriu que bebêssemos da aguardente, mas fui contra. Seria abusar da sorte.

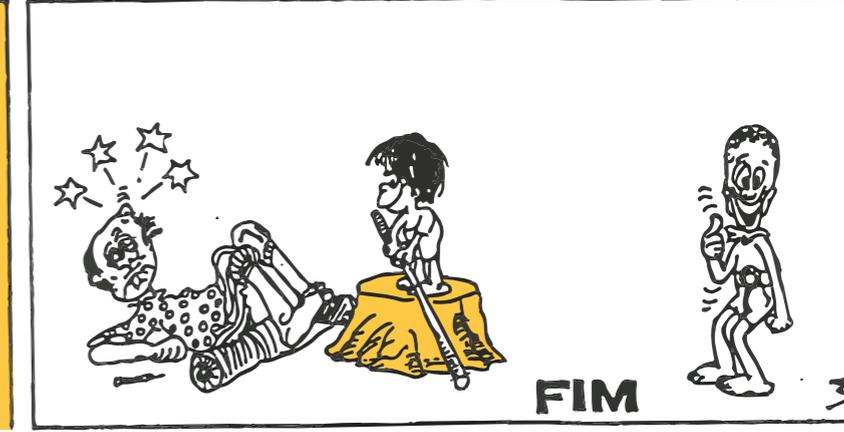
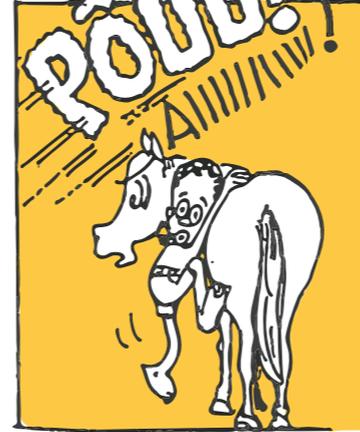
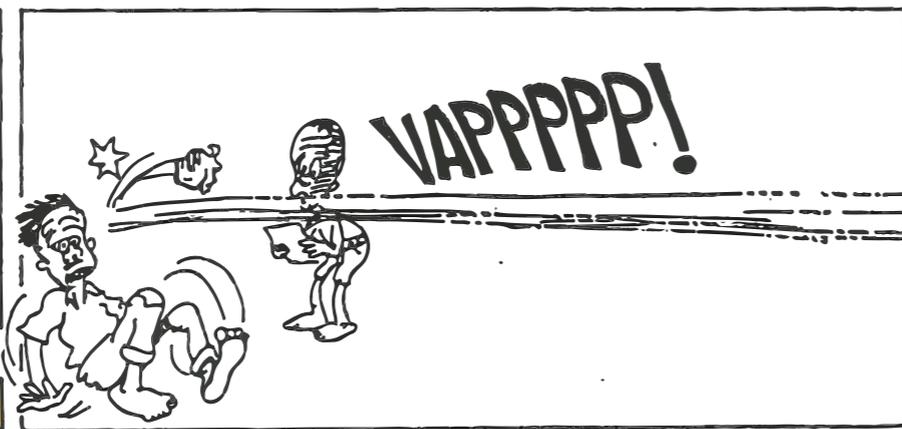
POR

**MAURO SANTAYANA**

Jornalista

foto CARLOS AVELIN





# NOTÍCIAS NOTÍCIAS NOTÍCIAS NOTÍCIAS NOTÍCIAS

## CAMPANHA SALARIAL:

### REIVINDICAÇÕES INOVADORAS E INTRANSIGÊNCIA PATRONAL

A campanha salarial 2015/2016 dos jornalistas mineiros é uma das mais difíceis dos últimos anos. O Sindicato reuniu uma pauta de reivindicações variadas, abrangentes e inovadoras, entre as quais o primeiro ponto é o aumento real de salários, mas a categoria encontrou pela frente patrões que sequer aceitam repor a perda inflacionária (8,42%).

No dia 3 de agosto, diante da intransigência patronal, o Sindicato dos Jornalistas, o Sindicato dos Gráficos e o Sindicato dos Empregados na Administração de Jornais e Revistas da capital decidiram unir suas campanhas salariais 2015/2016. A decisão foi tomada depois de reunião

em que o sindicato patronal alegou dificuldades financeiras das empresas e repetiu para os representantes dos três sindicatos a mesma proposta feita desde o começo da campanha: reajuste de 4% nos salários e cláusulas econômicas e nova negociação em outubro.

“Diante da mesma proposta, só podemos repetir o mesmo argumento que usamos na última reunião”, disse o presidente do Sindicato dos Jornalistas, Kerison Lopes. “O que a categoria reivindica é a reposição das perdas ocorridas em 2014, ano em que as empresas jornalísticas tiveram grandes ganhos”.

## RÁDIO E TV

Os jornalistas de rádio e TV fecharam negociação, após o Sindicato, em campanha unificada com o Sindicato dos Radialistas, conseguir um pequeno avanço na proposta patronal, mas as negociações com o Sindicato das Empresas de Jornais e Revistas pouco evoluíram.

No caso dos jornalistas de rádio e TV da capital, a última proposta dos patrões foi aceita em assembleia da categoria, realizada em 16 de julho: reajuste salarial de 7%, sendo 5% retroativos a abril e 2% a partir de setembro, sobre o salário de agosto;

aumento de 8% nos pisos salariais e demais cláusulas econômicas; abono de R\$ 2.000,00, pago em duas vezes; e diferenças salariais em até três parcelas.

O acordo dos jornalistas de rádio e TV do interior também foi fechado: reajuste salarial de 7% (5% retroativo a abril e 2% a partir de setembro, sobre salário de agosto); 8% de aumento para as demais cláusulas econômicas, a partir de abril; e diferenças salariais pagas em duas vezes.

Algumas questões específicas foram incluídas na Convenção Coletiva: fornecimento de transporte quando a jornada começar ou terminar entre meia-noite e 5h30; crédito obrigatório indicando o autor ou autores nas

matérias jornalísticas; wi-fi liberado nas redações; e reconhecimento como dependente de plano de saúde do companheiro ou companheira que comprovar união estável e homoafetiva.

A campanha salarial ocorre em momento adverso, com demissões em vários veículos. Em janeiro, o jornal Estado de Minas dispensou 11 profissionais; em abril, a Editora Abril demitiu toda a redação da Veja BH e fechou a revista; em maio, foi a vez de a Band Minas demitir 13 jornalistas e radialistas e de O Tempo dispensar grande número de trabalhadores, sendo 16 jornalistas e estagiários. Em julho, O Tempo fez novo corte,

demitindo 11 jornalistas.

O passarlho é velha estratégia das empresas jornalísticas, que, periodicamente, dispensam profissionais qualificados para, em seguida, contratar novatos por salários menores. Esse comportamento aumenta o lucro e explicita o despreço dos patrões pelos trabalhadores e pela qualidade da informação que oferecem ao leitor. Análises do Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) mostram que o lucro das grandes empresas de comunicação aumentou nos últimos anos.

## VIOLÊNCIA VOLTA A ATINGIR JORNALISTAS MINEIROS

O assassinato bárbaro do blogueiro Evany José Metzker, ocorrido em Padre Paraíso, Vale do Jequitinhonha, em maio, provocou a reação das entidades representativas dos jornalistas e ganhou repercussão internacional. Diversas agências noticiaram o fato. Atendendo à solicitação do Sindicato, o governo de Minas enviou uma força-tarefa para investigar no local. A Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa anunciou visita à região para acompanhar a apuração do crime, feita em segredo de justiça.

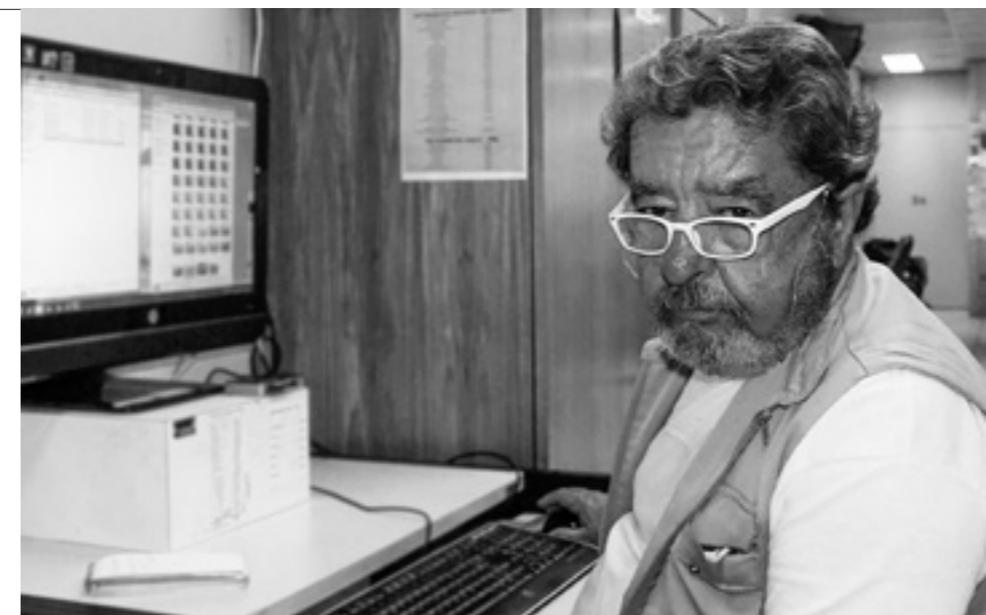
Em entrevista coletiva na Casa do Jornalista, o presidente Kerison Lopes defendeu a federalização da investigação de crimes contra jornalistas, geralmente cometidos por autoridades locais. “Isso é fundamental para dar mais segurança

ao trabalho dos jornalistas, isenção na apuração e, principalmente, para que se faça justiça”, disse Kerison, manifestando apoio ao Projeto de Lei 191, que tramita na Câmara dos Deputados.

No mesmo dia em que o corpo de Evany Metzker foi encontrado, Kerison estava em Ipatinga participando da gravação de um documentário da ONG Artigo 19 sobre a violência contra jornalistas em Minas. O documentário enfoca os assassinatos do jornalista Rodrigo Neto e do fotógrafo Walgney Carvalho em 2013. Naquele caso, a reação do Sindicato, da categoria e da sociedade, que se mobilizaram em torno do “Comitê Rodrigo Neto”, foi fundamental para o sucesso das investigações.

Um novo tipo de violência contra jornalistas, que se tornou frequente no Brasil nos últimos anos, atingiu o repórter fotográfico Beto Novaes (foto ao lado), no dia 12 de abril, durante protesto contra a presidenta Dilma. O profissional, que trabalhava com crachá do jornal Estado de Minas, foi xingado e agredido de forma covarde e gratuita por manifestantes pelo simples fato de ter semelhança física com o ex-presidente Lula. No mesmo protesto, na Praça da Liberdade, também foram hostilizados repórteres de outros veículos.

Em nota oficial, o Sindicato e a Arfoc-MG repudiaram as agressões e pediram às autoridades punição para os agressores. “Não importa de onde venha, a agressão a um jornalista que está trabalhando é inaceitável”, enfatizou a nota.



Repórter fotográfico Beto Novaes

foto LEANDRO COURI

O Sindicato elegeu, no dia 30 de junho, por voto direto de todos os sindicalizados, a sua Comissão de Ética. Prevista no Estatuto Social aprovado em 2005, ela desempenhou papel muito importante, mas estava inativa. Foi compromisso da atual diretoria reativá-la. A comissão é formada por cinco membros, sendo três jornalistas sindicalizados – Valéria Said, Mozahir Salomão e Virgínia Castro - e dois representantes de entidades da sociedade civil: Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e Conselho Estadual de Defesa dos Direitos Humanos (Conedh). Os mandatos terminarão em 12 de junho de 2017.

## PEC DO DIPLOMA NA PAUTA

O presidente Kerison Lopes liderou comitiva de jornalistas mineiros que acompanhou a tramitação da PEC do Diploma na Câmara dos Deputados, em março e abril. A votação da Proposta de Emenda Constitucional 206/12, que inclui na Constituição a obrigatoriedade do diploma em curso superior de Jornalismo para o exercício da profissão, foi colocada em pauta pelo presidente da Câmara, Eduardo Cunha. Jornalistas de várias partes dos pais, inclusive aqueles que cobrem o Congresso, visitaram deputados para convencê-los da importância da matéria e conseguiram grande adesão ao projeto.

As sessões do legislativo federal, no entanto, foram atropeladas por outros projetos considerados urgentes e que provocaram acirrada polêmica, como os da terceirização, da maioria penal, dos rótulos de transgênicos e do ajuste fiscal. Cunha prometeu colocar a PEC em votação no dia 7 de abril, Dia do Jornalista, mas isso não aconteceu. O projeto não foi votado, mas a pressão dos jornalistas, liderados pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e pelos sindicatos, continua.

## JUÍZA MANDA JORNAL REINTEGRAR EDITOR

Numa decisão pioneira e de repercussão nacional, por tratar do uso de redes sociais em ambiente de trabalho, a juíza Adriana Goulart de Sena Orsini, da 47ª Vara do Trabalho de Belo Horizonte, julgou improcedente o Inquérito Judicial para Apuração de Falta Grave ajuizado pelo jornal Hoje em Dia contra Aloísio Moraes (foto abaixo), ex-presidente e atual diretor do Sindicato e também diretor da Fenaj. O jornal foi condenado a reintegrar o jornalista, que trabalha na empresa há mais de 27 anos, e pagar-lhe salários e demais vantagens contratuais, com juros e atualização monetária, desde seu afastamento do cargo de editor-adjunto, em outubro de 2014.

Na sentença, a juíza defendeu o pluralismo político e a liberdade de pensamento e de expressão como direitos previstos na Constituição. “A utilização de rede social, ambiente notoriamente informal, para expressar críticas, seja a partidos, candidatos ou à imprensa, é mera decorrência do exercício dos direitos constitucionais e políticos de qualquer cidadão”, escreveu. A empresa recorreu da sentença, e o jornalista continua afastado do trabalho.



foto JACKSON ROMANELLI/INFINITO

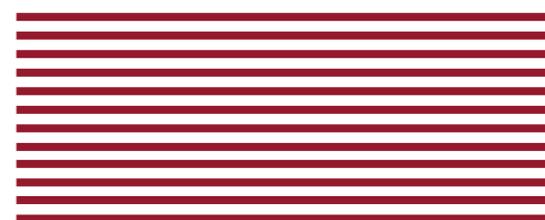


foto VILMA TOMAZ

## QUALIFICAR LEVA CURSOS AO INTERIOR

O programa Qualificar, de qualificação profissional, que o Sindicato realiza em parceria com a Vale, está promovendo o curso “Desafios da produção jornalística” (foto ao lado). Ministrado pela jornalista Patrícia Aranha, com grande experiência em veículos da capital, graduada e mestre em Comunicação Social pela UFMG. O curso, gratuito, despertou grande interesse e ampla aprovação. Ele já aconteceu em Governador Valadares, Itabira e Ouro Preto. Mais de cem jornalistas e estudantes de Jornalismo participaram. O próximo será em Congonhas.

## ESPAÇO CULTURAL CASA DO JORNALISTA



A banda Djalma Não Entende de Política fez o show de abertura, no dia 14 de maio, do Espaço Cultural Casa do Jornalista (Avenida Álvares Cabral, 400, Centro). Antes do show, aconteceu a roda de conversa, exposição e leilão fotográfico “Ativismo, Mobilização e Narrativas”, com presença dos fotojornalistas Sérgio Silva (SP), Sandro Vox (RJ) e Fernando Rabelo (MG). Baile do Gaudério, o cantor e compositor Chicó do Céu e o grupo Inéditas, entre outros, também já se apresentaram no local.

Reformado e adaptado, o Espaço Cultural tem serviços de bar e restaurante gerenciados pelo produtor cultural Edmundo Corrêa e o jornalista e empresário Murilo Albernaz. Funciona de terça a sexta-feira, a partir das 19h, com shows, exposições, lançamentos de livros, intervenções, saraus e outros eventos. O objetivo é que se torne ponto de encontro da categoria, recuperando também a relação histórica do Sindicato com as manifestações culturais de Belo Horizonte. A entrada nos espetáculos pagos é gratuita para jornalistas sindicalizados.

## ENCONTRO PELO DIREITO À COMUNICAÇÃO

O Sindicato participou ativamente da realização do 2º Encontro Nacional pelo Direito à Comunicação, em Belo Horizonte, nos dias 10 a 12 de abril. Organizado pelo Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC), com a presença de convidados estrangeiros, o encontro reuniu cerca de 700 ativistas de todas as regiões. Eles aprovaram a “Carta de Belo Horizonte”,

que exige a regulação imediata das comunicações no país. O Brasil – concluiu o encontro – está na contramão das demais democracias do mundo, inclusive da América Latina, por não modernizar seu marco regulatório, cuja principal lei, o Código Brasileiro de Telecomunicações, tem mais de meio século. (Leia também o artigo de Ana Paola Amorim, nesta edição.)



foto RAFAEL GAIA / MÍDIA NINJA

## EMBAIXADOR DO SAARA OCIDENTAL

Na sua primeira visita a Belo Horizonte, o embaixador da República Árabe Saharaui Democrática (RASD) no Brasil, Mohamed Laarosi Bahia, encontrou-se com representantes de movimentos sociais na Casa do Jornalista, na noite de 2 de junho (foto ao lado). A RASD, antigo Saara Espanhol e também conhecido como Saara Ocidental, luta há 40 anos por sua emancipação política e recuperação do seu território, ocupado pelo Reino do Marrocos, a partir da sua independência da Espanha. O país foi dividido com muros militarizados, que garantem a exploração das suas riquezas pelo regime feudal marroquino. Do encontro, os participantes brasileiros retiraram uma agenda que inclui a criação de um comitê local de apoio à causa saaraui e uma programação de divulgação daquele povo, que, ao contrário de outros, não recorre à violência e é ignorada pela grande mídia e pelas grandes nações, inclusive o Brasil. Liderada pela Frente Polisario, que mantém governo no exílio, num campo de refugiados na Argélia, a RASD já obteve o reconhecimento de mais de 80 nações e pleiteia o mesmo do governo brasileiro, a exemplo do que fez o presidente Lula com o Estado Palestino, em 2010. “Reconhecer a RASD não significa romper com Marrocos”, explicou Mohamed Bahia, que em abril passado obteve o apoio do Congresso.

## REDE JORNALISTAS LIVRES OCUPA ESPAÇO EM MINAS

O Sindicato dos Jornalistas tem sido palco das reuniões da rede Jornalistas Livres em Minas Gerais, com a participação de mais de 60 profissionais, estudantes e interessados nas discussões sobre a formação do movimento no estado. A rede, um projeto coletivo e independente, nasceu em São Paulo, em março deste ano, e rapidamente tem se espalhado para todo o Brasil.

O objetivo do Jornalistas Livres é defender a democracia, com uma “cobertura colaborativa contra a manipulação política da mídia tradicional; pelas narrativas independentes”. O grupo publica suas reportagens na mídia social, no site do projeto e também está

hospedado no Medium, uma plataforma para publicação de conteúdo.

“A sociedade demanda um jornalismo livre dos interesses corporativos e políticos antidemocráticos, e o Jornalistas Livres vem preencher essa lacuna com um trabalho colaborativo pautado na visão plural, laica, diversa, respeitando e, sobretudo, seguindo o que reza nossos manuais: informar a população e não manipular, que é o que mais

vemos hoje na grande mídia”, observa o diretor de Comunicação do Sindicato dos Jornalistas, Gil Sotero.

O primeiro trabalho do coletivo em Minas Gerais, publicado no site e no Medium, foi a cobertura da Parada LGBT em Belo Horizonte, no dia 19 de julho.



# O OFICIAL ORADOR

Em 21 de abril de 1968, o general Artur da Costa e Silva, então presidente da República, foi o orador oficial das festividades comemorativas da Inconfidência Mineira, em Ouro Preto (**foto ao lado**). Ei-lo de costas, tendo à esquerda o general Emílio Garrastazu Medici, chefe do SNI, e à direita o presidente da Assembléia Legislativa, Manoel Costa, em visita ao governador Israel Pinheiro (semi-en-coberto), no Palácio da Liberdade. À esquerda, os jornalistas Antônio Carlos Drummond, secretário particular do governador, e o assessor de imprensa, Milton Lucca de Paula, que era também repórter político do jornal Estado de Minas. (Foto AIRP).



# CAROS COLEGAS



POR  
SYMPHRONIO VEIGA

## COMO ESCREVER CERTO

No início da segunda metade do século passado, aos 18 anos de idade, já era jornalista com registro profissional. Durante as aulas de Português, no Colégio Tristão de Atayde, o professor Orosimbo me passava dicas, que guardo até hoje, de como escrever certo. Era um bisonho foca da Folha de Minas. Naquele tempo, as matérias passavam por revisões dos textos originais da redação e das provas gráficas da oficina produzidas pelos linotipistas. Qualquer erro ou falha era perseguido e reprovado pelo dócil secretário Fernando Correia Dias e pelo severo chefe de reportagem Fernando Roquete Reis. E, mesmo assim, alguns escapavam. Hoje não existem mais nem a revisão dos originais e nem a das provas gráficas. Por isso, cobra-se mais rigor e correção na redação do repórter. Vejam as dicas de como escrever certo para jornal. A maioria é resultado de anotações de copidesques e de revisores, também do prof. Orosimbo.

Analogias na escrita são tão úteis quanto chifres numa galinha.



Estrangeirismos estão *out*, palavras de origem portuguesa estão *in*.

Seja seletivo no emprego de gíria, **BICHO**. Mesmo que sejam maneiras. **SACOU, GALERA?**

“não esqueça das maiúsculas”, como já dizia orosimbo, meu professor de português lá no colégio tristão de atahyde, em santa tereza, belo horizonte.

**Maiúsculas**

Use a pontuação corretamente o ponto e a vírgula especialmente e será que ninguém sabe mais usar o sinal de interrogação



Nunca use siglas desconhecidas, conforme recomenda a N.A.O.R.



Evite frases exageradamente longas, por dificultarem a compreensão da ideia contida nelas, e, concomitantemente, por conterem mais de uma ideia central, o que nem sempre torna o seu conteúdo acessível, forçando, desta forma, o pobre leitor a separá-la em seus componentes diversos, de forma a torná-las compreensíveis, o que não deveria ser, afinal de contas, parte do processo da leitura, hábito que devemos estimular através do uso de frases mais curtas.

## ESCRACHADOS PELA POLÍCIA, EXECRADOS PELA IMPRENSA

No passado, era comum e quase unânime a postura desrespeitosa - e até cruel - dos jornais diários de Belo Horizonte em relação à ação de ativistas políticos de esquerda. Nem os confrades escapavam.

Na noite de 30 de dezembro de 1952, intelectuais, empresários e sindicalistas, entre eles Armando Ziller, Luís Bicalho, Sebastião Nery, coronel Olímpio, Aluísio Ordones, reuniram-se num prédio da Rua Carijós, em BH, para criar o Movimento Mundial da Paz. A polícia chegou de surpresa e escrachou todo mundo. No dia seguinte, os jornais publicavam manchetes execrando os ativistas:

“Desmantelada pela polícia uma reunião comunista. Efetuadas numerosas prisões e apreendido farto material de propaganda vermelha” (Estado de Minas)

“Comunistas surpreendidos quando tramavam planos de ação” (Diário de Minas)

“Preso ontem em BH um redator do Diário (católico) entre os subversivos do credo vermelho” (Tribuna de Minas)

“Autoridades prendem e autuam

40 elementos da malta comunista em ação” (Diário da Tarde)

O redator do Diário preso era Sebastião Nery, 20 anos, ex-seminarista, implacavelmente perseguido pelo jornal Tribuna de Minas, que também não dava trégua ao líder católico José Mendonça, redator-chefe do Diário e presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais.

“Confirmam-se as acusações da Tribuna de Minas sobre as ligações do sr. José Mendonça com elementos comunistas. Um dos presos é o jornalista Sebastião Nery, redator do jornal católico, que carregava um cartaz com o retrato de Prestes”, denunciava a TM.

Na reunião abafada pelos agentes policiais havia pessoas de várias classes, até um militar, Olímpio, coronel reformado do Exército brasileiro, que havia desaparecido na confusão com a chegada da polícia.

Dias depois, já solto, o jornalista Sebastião Nery encontra-se com o militar em outra reunião:

- O senhor foi lesto, o único que conseguiu fugir.

E o coronel:

- Meu filho, não repita isto. Não fugi.

Um oficial do Exército não foge. Bate em retirada.

## ENTRA E SAI

Confirmam alguns dos profissionais que fazem parte da equipe de comunicação da gestão de Fernando Pimentel no governo do Estado:

ALICE MACIEL  
- Controladoria Geral do Estado

RONNY RODRIGUES  
- Secretaria de Estado da Fazenda

MARCELO PORTELA  
- Secretaria de Agricultura

ZUZILEISON MOREIRA  
- Secretaria de Desenvolvimento Agrário

CARLA KREEFFET  
- Secretaria de Educação

PATRÍCIA GIUDICE  
- Secretaria de Saúde

BERNARDINO FURTADO  
- Secretaria de Segurança

ANDREA CASTELO BRANCO  
- Secretaria de Planejamento de Gestão

# A CORRUPÇÃO DURANTE A DITADURA

Já tratei deste assunto algumas vezes e, a contragosto, retorno a ele, pois está de novo na boca de algumas viúvas dos quartéis, que andam por aí vociferando pelas ruas. Refiro-me à lorota de que na Ditadura havia menos corrupção do que nos dias atuais. Os governantes daquela época, dizem as viúvas, eram muito mais íntegros, honestos, etc., etc. e por isso elas querem sua volta.

O regime militar, entretanto, envolveu-se em escândalos de toda ordem, que nada ficam a dever aos de agora ou até mesmo os ultrapassam. Só que naquela época nada transpirava, devido ao silêncio imposto pela censura aos meios de comunicação e a qualquer manifestação da sociedade.

Hoje sabemos como foram vultosos e nocivos ao País. Eis alguns deles, de uma lista muitas vezes maior:

**Coroa-Brastel** – Em 1981, com a perda, em valores atualizados, de quase 1 bilhão de reais para seus 33 mil investidores e para a Caixa Econômica Federal, com a convivência de altos membros do governo;

**Capemi – Caixa de Pecúlio dos Militares** – Dirigida por oficiais das três armas, que faliu fraudulentamente em 1983, deixando um rombo de milhões de reais a seus associados;

**Transamazônica** – Projeto apresentado faraonicamente, que até hoje não foi concluído. Representa um contínuo esbanjamento de dinheiro público com a conservação de seus trechos em meio à floresta;

**Ponte Rio-Niterói** – O custo final da obra foi mais do dobro do que havia sido previsto, dando margem às acusações sobre o que lucraram alguns intermediários, entre eles proeminentes figuras do regime;

**Ferrovias do Aço** – De interesse direto para Minas, nunca se concretizou. Os trabalhos abandonados causaram um prejuízo de quase 2 bilhões de dólares;

**Hospital Hilton Rocha** – À época, governadores nomeados permitiram a destruição de parte da Serra do Curral para favorecer interesses imobiliários. Um dos beneficiados foi o hospital da Fundação Hilton Rocha, construído em local de proteção ambiental, graças à intervenção direta do general Golbery do Couto e Silva, um dos pró-homens da Ditadura;

**Delegado Fleury** – Símbolo-mor da repressão, Sérgio Fleury deixou, ao morrer, um patrimônio milionário, constituído de apartamentos, terrenos, carros, lanchas, dinheiro em bancos, dentro e fora do País. Outros personagens ligados à repressão não podem, igualmente, explicar a origem de seus bens, muitas vezes saqueados de suas vítimas;

**IBAD – IPES** – Os dois organismos semiclandestinos foram criados por empresários brasileiros e norte-americanos para financiar a preparação do golpe em 64. Destinaram milhões de dólares a civis e militares que estavam na conspiração.

Não é preciso estender-me mais para desfazer a falácia de que, na Ditadura, a corrupção era menor. Basta apenas lembrar os fatos, para que a verdade se imponha de forma cabal e inquestionável.

NOTA: Este artigo originalmente deveria ser publicado em um diário de Belo Horizonte, que não o fez por suas ligações com o grupo empresarial que pretende reformar e ampliar o hospital existente na Serra do Curral. Edificado de forma irregular em área de preservação ambiental, a concessão da licença para sua construção é um dos escândalos denunciados no artigo. A censura, como se vê, não deixou de existir com o fim da Ditadura.



POR

**JOSÉ  
MARIA  
RABÊLO**

*Jornalista e fundador do jornal Binômio.*

## Educação em BH

A PREFEITURA ESTÁ FAZENDO A MAIOR TRANSFORMAÇÃO DA NOSSA HISTÓRIA.



O trabalho da Prefeitura não para. **Em todo canto, tem uma obra sendo entregue.** Grandes intervenções viárias, novas UPAs, um novo hospital, novas UMEIs e centenas de outras obras. Um investimento de mais de 7 bilhões de reais que está **transformando a cidade e a vida das pessoas.**



**INFRAESTRUTURA DE ALTO NÍVEL.**

» Pensada especialmente para receber crianças de 0 a 6 anos.



**ATÉ 5 REFEIÇÕES POR DIA.**

» Merenda de qualidade com cardápio balanceado e nutritivo.



**EDUCADORES QUALIFICADOS.**

» Projeto pedagógico moderno e humano.



**CUIDADO, CARINHO E ATENÇÃO.**

» Desenvolvendo as crianças de forma integral.

**AJUDE A CUIDAR DAQUILO QUE CONQUISTAMOS.**



**PREFEITURA  
BELO HORIZONTE**

**NÃO PARA DE  
TRABALHAR POR VOCÊ.**



SINDICATO DOS  
**JORNALISTAS**  
*Anos*  PAUTANDO A DEMOCRACIA